As Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito

Editorial

"Vivemos uma outra modernidade, e penso até que se trata de uma modernidade muito mais radical, pois os antigos dispositivos que freavam a modernidade, como a política, a família, os papéis sexuais, tudo isso explodiu e somente os grandes princípios da modernidade estão nos conduzindo: a autonomia individual, o mercado, e a tecnociência". Esta afirmação de Gilles Lipovetsky, em entrevista concedida à revista ***IHU On-Line*** nesta semana, sintetiza o tema de capa desta edição, inspirada pelo VIII Seminário Internacional da Comunicação - Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito, realizado nos dias 3 e 4 de novembro de 2005, na PUCRS. Agradecemos a todos que nos ajudaram a elaborar esta matéria de capa.

Além de G. Lipovetsky, já muito conhecido dos nossos leitores e leitoras, Patrick Tacussel, filósofo e sociólogo, professor na Universidade Paul Valéry – Montpellier III, Marie-France Bouilly, professora francesa, e Lucien Sfez, professor de Ciência Política na Universidade de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, são os outros entrevistados desta semana.

Reyes Mate, por sua vez, também já várias vezes entrevistado por nós, por ocasião de sua participação no IX Simpósio Internacional da Associação Ibero-Americana de Filosofia Política, realizado na Unisinos, nos concedeu uma entrevista mais longa sobre os grandes desafios da atualidade. A sua tese, novamente reiterada neste espaço, de que a igualdade foi subsumida pela e na liberdade e que essa fagocitose da igualdade pela liberdade tem que ser denunciada, é, nos parece, sumamente importante e pertinente.

Nas notícias diárias das últimas semanas, publicadas na página www.unisinos.br/ihu, temos procurado acompanhar, com análises e reflexões de especialistas de diversas áreas do conhecimento, a rebelião dos jovens das periferias das cidades francesas. Nesta edição, publicamos duas entrevistas: uma com Edgar Morin, sociólogo, e outra com Marc Augé, antropólogo.

O filme ***Manderlay,*** de Lars von Trier, diretor também de ***Dogville***, é o filme comentado na editoria *Filme da semana* desta edição.

A todas e todos, uma boa semana, um ótimo feriado e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

Editorial pg. 1

Tema de capa

Entrevistas

Patrick Tacussel: O declínio do individualismo na civilização pós-industrial pg. 3
Marie-France Bouilly "A internet é uma utopia: o homem nunca foi tão sozinho" pg. 8
Gilles Lipovetsky: A educação liberal gerou a fragilização em massa pg. 10
Lucien Sfez: As biotecnologias e a construção social de um corpo perfeito pg. 13

Destaques da semana

Entrevistas da Semana:
Manuel Reyes Mate: "Substituir a igualdade pela justiça é imoral" pg. 20
Edgar Morin: "É necessário lançar as bases de uma nova civilização" pg. 28
Marc Augé: "Os lugares dos excluídos e a modernidade falida" pg. 30

Artigo da Semana:
Luís Carlos Lopes: França: jovens e automóveis do tempo presente pg. 32

Análise de conjuntura:
Cristovam Buarque: O preço da astúcia. A União gasta R$ 250 por aluno rico e R$ 92 por aluno pobre pg. 34

Filme da Semana:
Emma Bell: Manderlay pg. 36

Memória:
O mês em que o Brasil teve três presidentes pg. 39
Peter Drucker morre aos 95 anos nos EUA pg. 41

Deu nos jornais:
pg. 42

Frases da semana:
pg. 45

IHU em revista

Eventos pg. 48

Carta do leitor pg. 66

IHU Repórter pg. 67

O declínio do individualismo na civilização pós-industrial

Entrevista com Patrick Tacussel

O filósofo e sociólogo francês Patrick Tacussel participou do VIII Seminário Internacional da Comunicação - Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito, realizado nos dias 3 e 4 de novembro de 2005, na PUCRS, falando sobre o tema O Imaginário social, valores e representações coletivas na civilização pós-industrial, sobre o qual foi entrevistado pela revista **IHU On-Line**.

Tacussel é professor no Departamento de Sociologia da Universidade Paul Valéry – Montpellier III, diretor do Instituto de Pesquisas Sociológicas e Antropológicas, do Centro de Estudos do Imaginário e responsável científico pelo Doutorado em Sociologia daquela Universidade. Licenciado em Filosofia, é doutor em Sociologia, com a tese le processus métanoïaque et l'imaginaire social, sob a orientação do professor Gilbert Durand.

Entre seus livros publicados, citamos: **L'Attraction Sociale. La dynamique de l'Imaginaire dans la société monocéphale**. Paris: Librairie des Méridiens, 1984; **Mythologie des formes sociales. Balzac et les Saint-Simoniens ou le destin de la modernité**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1995 e **Charles Fourier, Le Jeu des Passions, Actualité d'une pensée utopique**. Paris: Desclée de Brouwer, 2000. Na entrevista que segue, realizada pessoalmente em Porto Alegre, Tacussel afirma: "parece que os sujeitos procuram agora a proximidade. Entretanto, confiam mais em pequenas estruturas locais ou no mundo associativo, nas organizações não-governamentais do que nas grandes máquinas que lhes parecem distantes e em relação às quais a confiança do homem médio é muito relativa".

***IHU On-Line* - Que sinais o senhor vê em uma civilização pós-industrial e como funciona a convivência com o pré-industrial que continua na sociedade?**

Patrick Tacussel - Para ser simples, diria que a particularidade das metamorfoses do mundo contemporâneo está precisamente no terceiro nível. O primeiro é que saímos do que chamamos de modernidade, ou seja, não é simplesmente a sociedade que é pós-industrial, mas nossos modos de vida evoluíram além do que foi a concepção do progresso, da história e das ideologias, que eram características do mundo industrial. Podemos exemplificar com o fato de a sociedade industrial ter sido amplamente dominada por uma concepção da história, das ciências e das tecnologias que deveriam favorecer o bem-estar da humanidade, deveriam, de alguma forma, emancipar o homem de obrigações e de alienações. Vemos, porém, que essas promessas não foram realizadas em todos os campos. É certo que há progressos científicos e

tecnológicos, mas o homem continua enfrentando as mesmas angústias, os mesmos medos e, sobretudo, as mesmas formas, certamente resultantes do temor da violência, da desumanidade, da barbárie. Então, desse ponto de vista, o que caracteriza fundamentalmente nossa época é uma espécie de falência ou, se quisermos empregar uma palavra menos forte, de questionamento, em todo o caso, de grande visão do mundo. O que era o caso da sociedade industrial. Esse era o primeiro ponto.

O desenvolvimento dos meios de comunicação

O segundo ponto é, talvez, no sentido de que os meios de comunicação se desenvolveram formidavelmente. Quando digo "meios de comunicação" não falo simplesmente da Internet, da televisão, do celular etc., mas das facilidades de deslocamento de indivíduos na escala planetária. Todavia, o que surge, com a mesma rapidez dos meios de comunicação, não é simplesmente a maneira dos indivíduos se aproximarem, mas também as formas de exclusão, formas de distanciamento social, pois hoje, em qualquer parte do planeta, os indivíduos que vivem melhor são os que têm boas condições e podem, de certa forma, comparar ao vivo com o mundo no qual vivem. Pode-se dizer que tudo o que permitiu aproximar criou também novas formas de distanciamento e, talvez, seja o homem que se distancie do próprio homem. Vai-se então tentar encontrar pessoas por intermédio da Internet. Pessoas que jamais se verão fisicamente, com as quais se terão relações, fantasias etc.

Corpo físico: objeto virtual

Poderíamos dizer que, de certa forma, o corpo propriamente dito físico, tornou-se, em certas ocasiões, um objeto virtual – é visto por meio de jogos virtuais. Isso se dá também porque, às vezes, a realidade se torna um pouco furtiva. O terceiro aspecto é, sem dúvida, aquele que hoje está aparecendo de forma extraordinária pois, na sociedade industrial e no mundo moderno, havia uma clara distinção entre o espaço público e o espaço privado. Parece que essa distinção está hoje muito frágil. Quem pode dizer que seu espaço privado é verdadeiramente privado? Quem pode dizer que o espaço público não está privatizado por algumas coisas, como, por exemplo, pelas câmeras de segurança? Poderíamos dizer que o que fazia o mundo da intimidade no século XIX, na grande visão burguesa, o que fazia o mundo das culturas próprias a certas classes sociais hoje, tem tendência a se difratar.

***IHU On-Line* - Como o senhor caracteriza esse imaginário pós-industrial e que representações ele faz da comunidade e da política?**

Patrick Tacussel - Digamos que, em conseqüência do que acabo de explicar, as formas racionais clássicas sobre as quais se tinha, de certa forma, concebido a democracia moderna, com uma visão do sujeito, cidadão responsável etc., são hoje questionadas pelo nosso modo de vida. Por exemplo, a televisão, a informação instantânea colocou as emoções coletivas em escala planetária. Se há um tsunami no sudeste da Ásia, o mundo inteiro vive ao mesmo tempo essa tragédia. Quando as duas torres foram atingidas pelos terroristas, viu-se ao vivo por várias horas esse acontecimento. Então, as emoções coletivas, as representações que são associadas a estas emoções têm hoje uma parte preponderante em nossas escolhas, em nossas relações. Pode-se concluir que quando Marc Laimé[1] dizia que a mídia ia fundar uma cidade global, efetivamente houve uma globalização dos afetos, e isso resulta ao mesmo tempo em coisas novas, formas de solidariedade em escala planetária.

---

[1] **Marc Laimé** é jornalista e sociólogo, autor do livro: ***Le Dossier de l'Eau, Pénurie, Pollution, Corruption***. (Editions du Seuil, de Paris, 2003) (Nota da ***IHU On-Line***)

A visão clássica das formas democráticas modernas é coisa do passado

Existem coisas dramáticas, mas também se torna muito relativa a concepção clássica que se fazia da ação política, tal como Max Weber[2] e pessoas como ele pensaram. Não se pode dizer que a política funcione sob uma ação racional de dirigentes e que se tenha um controle racional de dirigidos sobre dirigentes. Vê-se isso tanto na França como no Brasil, nos Estados Unidos ou em outro lugar. Lembremos que na primeira eleição de Bush foi preciso contar votos à mão na Flórida para se saber se ele havia sido eleito. Vê-se bem que a visão clássica das formas democráticas modernas é algo que pertence, na minha opinião, ao passado. Pode ser que (isto é uma hipótese) o que vai emergir são formas microscópicas, na medida em que a emoção se tornar mundial em relação aos grandes acontecimentos. Parece que os sujeitos procuram agora a proximidade, mas confiam mais em pequenas estruturas locais ou no mundo associativo, nas organizações não-governamentais do que nas grandes máquinas que lhes parecem distantes e em relação às quais a confiança do homem médio é muito relativa.

[2] **Maximillion Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. ***Ética protestante e o espírito do capitalismo*** é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título ***Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois***, a ***IHU On-Line*** dedicou-lhe a sua 101ª edição,de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado **Max Weber – o espírito do capitalismo**. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - Quais são os principais valores da civilização pós-industrial?**

Patrick Tacussel - Penso que há ao menos algo que me parece agora claro. Os valores sociais, os sujeitos, os indivíduos, não desejam deixar para o futuro as coisas indispensáveis, as coisas que estimam ser necessárias às suas vidas. Não existe mais essa visão sacrificial: "Hoje está difícil, mas amanhã será melhor". Elementos que foram as grandes ideologias progressistas ou a visão do socialismo do século XIX, as grandes idéias um pouco revolucionárias. Mesmo os que contestam a sociedade neoliberal a contestam em nome do presente, não em nome do "daqui a 50 anos será melhor". Diria que entre os valores que hoje se salientam estão os que valorizam o presente e não o futuro, que ninguém mais acredita poder controlar ou administrar racionalmente. Quem poderia ter pensado há 15 ou 20 anos que se desenvolveriam formas de terrorismo como as que conhecemos hoje? Acredito que ninguém. Quem teria pensado na evolução do mundo tal como ele é há 10 anos? E nós, na Europa? Quem poderia pensar que, no centro da Europa, haveria massacres como o que aconteceu na ex-Iugoslávia, com populações de civis inteiramente exterminadas no começo da década de 1980? Ninguém teria imaginado isso há 10 anos.

Um retorno ao que se pode modificar

O mundo entrou efetivamente em uma fase de incerteza e sabemos que os grandes ideais, nos quais nossos pais acreditaram e nós mesmos na nossa juventude, como a cultura, a ciência, a humanização do mundo, não são tão simples assim. Sabemos que não há garantia de que nem o desenvolvimento tecnológico, nem o desenvolvimento da ciência, nem o desenvolvimento da educação estejam à altura de produzir, com uma grande certeza a felicidade

individual, talvez, mas a coletiva, não temos certeza. Em função disso, tenho a impressão de que há um retorno às coisas que se podem modificar, como o fato de os indivíduos estarem atentos ao que há em seus pratos, estarem atentos à educação ecológica, ao problema da água, pois esse é o ambiente de todos os dias. Eles estarão atentos igualmente aos problemas climáticos. Vão se questionar se todos os problemas que houve com as marés altas não teriam acontecido porque se destruiu a camada de ozônio, por exemplo. Há, entre os valores que vão ser dominantes, os que eu chamaria de defesa do nosso ecossistema, nosso ambiente natural. Sabe-se atualmente, que não se pode explorar a natureza de forma irresponsável. Como lei da conseqüência também se dá uma atenção nova à vida cotidiana, à nossa maneira de viver todos os dias. Isso se torna efetivamente um valor enquanto tal. Não se trata mais de mudar o mundo em nome das grandes idéias, mas de mudar as coisas de todos os dias.

***IHU On-Line* - Como o senhor caracteriza as relações intersubjetivas na época da globalização e em que sentido estamos vivendo em uma época de abertura?**

Patrick Tacussel - Penso que, ao mesmo tempo que os meios de comunicação e o transporte favoreceram efetivamente o fato de as pessoas se conhecerem melhor, poderem ir de um continente a outro, de certa forma, percebe-se também que certos elementos do modo de vida se internacionalizaram. Vê-se Mc'Donalds em quase todas as partes do mundo. Diria que o que se globalizou foi muito mais o mundo mercante, em um certo número de valores que lhe são associados, do que os aspectos mais profundos que, ao contrário, estão diminuindo. Será que as pessoas se conhecem melhor do que antes? Há uma maior aproximação dos outros? Isso precisa ser verificado. Se fosse o caso não haveria partes do planeta que estariam na situação que se conhece hoje. Quando se vê, por exemplo, os canais de televisão no Oriente Médio, não se tem a impressão de que se está organizando a aproximação, mas a rejeição do outro. Podemos dizer: "Bem, nos lugares onde há a guerra, os meios de comunicação só podem seguir a atualidade do momento". Entretanto, penso que, também nesse caso, não se pode cair na utopia tecnológica. Há coisas que são extraordinárias, como telefonar para alguém da rua ou falar com alguém que está do outro lado da cidade. Há facilidades desse tipo. Isso muda, porém, efetivamente a subjetividade individual? Provavelmente em um certo número de aspectos. Diz-se que alguém que perde seu celular, ou outras coisas desse tipo, sente-se imediatamente nu. Ou o cartão de crédito, se estiver no exterior. Perde uma parte de si mesmo. Existe uma certa dependência. Somos autônomos e dependentes ao mesmo tempo. Então, isso mudou fundamentalmente a subjetividade? Não acredito. Penso que, sob o ponto de vista da antropologia, o homem tem ainda os mesmo medos, as mesmas esperanças, os mesmo desejos desde o princípio da humanidade. O que mudou foi a importância que ele dá, de maneira pontual, a certas coisas mais do que a outras em função de escolhas culturais ou da evolução tecnológica, da sociedade...

***IHU On-Line* - O senhor pensa que há uma exacerbação do indivíduo em nossa época?**

Patrick Tacussel - Nem um pouco. Ao contrário. Penso que as pessoas estão se agrupando por afinidades, por gostos. Observe que, na França, há um aumento das comunidades, de comunitarismo mesmo, como, por exemplo, no caso da Internet e da televisão, as principais comunidades religiosas e étnicas têm suas próprias

televisões, seus próprios suportes. Os meios tecnológicos acompanham, finalmente, formas de vida. Talvez porque o indivíduo não possa viver fora das relações intersubjetivas, de um grupo com o qual ele se identifica por relações fundamentais. E quanto mais um grupo tem dificuldades econômicas ou tem uma tradição histórica forte, mais a ligação comunitária desempenha um papel importante. Em todo o caso, o que percebemos é que (falo do caso da França e da Europa) há um certo declínio do individualismo. O "indivíduo rei" é coisa do século XIX ou da primeira metade do século XX.

***IHU On-Line* - Como o multipertencimento, a comunidade e a possibilidade de relações globais, que as novas tecnologias proporcionam, influenciam os conceitos de identidade?**

Patrick Tacussel - Aí eu faria uma pequena distinção. Diria que, em relação a esta questão de identidade (pode parecer um pouco contraditório, mas finalmente não é) o sujeito tem necessidade de intersubjetividade. Tem necessidade de um grupo, mas também pode ter identificações com outras coisas além do grupo com o qual se relaciona. Por exemplo, na França as jovens que são muçulmanas usam véu, mas comem no McDonald's, que é o símbolo da alimentação americana. É interessante, pois o McDonald's é o tipo de restaurante que os jovens magrebinos[3] freqüentam muito. Pode-se dizer que é muito contraditório com a visão que têm da política dos Estados Unidos o fato de irem a esse tipo de restaurante. Poderíamos fazer observações sobre muitos campos. Identificações que são também de gerações e que transcendem os pertencimentos comunitários ou dessa ordem. Eu teria tendência a dizer que há uma ligação, que talvez seja contraditória, entre a identidade recebida, aquela que "recebemos" de nossa família, e a identidade concebida, aquela pela qual se afirmam gostos, escolhas, maneira de vestir. E há também a identidade percebida, ou seja, como vamos nos comportar em relação aos outros para sermos identificados. Por exemplo, uma menina na França que usa véu, quer ser percebida como muçulmana pelas pessoas na rua, por seus amigos, suas colegas na escola. Então há três formas de identificação: a identidade concebida, a recebida e a percebida. Penso que, finalmente, o sujeito é alguém que assume compromissos todos os dias com esses três aspectos.

***IHU On-Line* - O senhor gostaria de acrescentar algo?**

Patrick Tacussel - Gostaria de acrescentar que seja qual for o desenvolvimento extraordinário das mediações tecnológicas, seja qual for a formidável conquista das técnicas de comunicação, o homem terá sempre necessidade de crenças. E essas crenças repousam sobre a mesma racionalidade que as ciências e as tecnologias. Os indivíduos têm ainda necessidade de aproximar-se das idéias um pouco transcendentes ou de ideais. Para a vida afetiva, mas também em relação à idéia de que fazem do destino, da morte, da amizade etc. Então, como disse há pouco, o homem, do ponto de vista da antropologia, não sofreu transformações consideráveis desde que apareceu na terra. O mundo é que se modificou consideravelmente. Acredito que, em uma estrutura mental, o homem da pré-história tinha as mesmas inquietações que nós, os mesmos medos que nós. Evidentemente a exteriorização desses medos, dessas amarguras e dessas alegrias é culturalmente diferente.

---

[3] Relativo ao Magreb ou o que é natural ou habitante dessa região do Norte da África. (Nota da ***IHU On-Line***)

"A Internet é uma utopia: o homem nunca foi tão sozinho"

Entrevista com Marie-France Bouilly

A professora francesa Marie-France Bouilly falou sobre o tema *A importância da tecnologia para manter o sistema social* no VIII Seminário Internacional da Comunicação - Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito, realizado nos dias 3 e 4 de novembro de 2005, na PUCRS, em Porto Alegre. Ela é presidente da Associação Francesa de Relações Públicas (AFREP).

A entrevista a seguir foi feita pessoalmente pela redação da **IHU On-Line**. Nela, a francesa afirma que "pode-se fazer coisas horríveis através da Internet. Não penso que o homem esteja se comunicando. Para que essas novas tecnologias? Não há mais limites. Penso que o homem está se tornando insensato com esse instrumento que o permite "navegar" pelo mundo inteiro, em inúmeras informações mais ou menos justas. Tenta-se criar utopias, tenta-se construir grandes cidades planetárias, uma cyber cidade planetária. Não é verdade. O homem nunca foi tão sozinho".

***IHU On-Line* – Quais os principais aspectos abordados pela senhora em sua conferência?**

Marie-France Bouilly – Na minha conferência, falei das *cyber cidades* planetárias que nos são impostas, pois não é necessariamente uma escolha. Falei da dificuldade que os homens têm atualmente em se comunicar. Estamos na era da comunicação, no milênio da comunicação, e penso que nunca nos comunicamos tão mal. Falei também das tecnologias que não mudaram. Um comunicado de imprensa será sempre um comunicado de imprensa, um dossiê de imprensa será feito sempre da mesma forma. O que vai mudar é o meio de transferi-los aos jornalistas implicados no processo. É preciso saber que, na França, os jornalistas recebem tantos documentos pela Internet, que atualmente estão tendo um bloqueio. Eles não os lêem mais, colocam-nos diretamente na lixeira. Isso provoca problemas, pois atualmente eles nos pedem para enviar-lhes coisas pelo correio. Nunca utilizamos tanto papel e imprimimos tanto como desde que começamos a utilizar a Internet. Para mim, a Internet é uma utopia.

***IHU On-Line* – A senhora tem uma idéia da razão de os homens não se comunicarem mais ou por que há esse problema atualmente?**

Marie-France Bouilly – Há hipóteses. Alguns dirão que os homens se comunicam. Mas nos encontramos no seguinte problema: a facilidade existe, mas não nos deslocamos mais, enviamos um e-mail. Acho normal e fabuloso poder me comunicar com o Brasil pela Internet. Comuniquei-me com a Universidade e organizei meu deslocamento. Perfeito. Mas não é normal que a 30 quilômetros de meu domicílio, as pessoas com as quais trabalho me enviem um e-mail e não usem mais seus telefones. Para mim, a mais bela invenção do século XX é o

telefone. Nele se tem o contato humano. Penso que a comunicação está, antes de tudo, baseada no contato humano e, com a Internet, não há mais isso. Os jovens estão hipnotizados diante do monitor do computador. Não se movem mais, tornam-se tão cinzentos quanto seus computadores e não se comunicam mais. Estamos em um mundo fechado. Então, penso que não estamos na era da comunicação, mas, na da intoxicação da comunicação. Da desinformação total. Por quê? Expliquei também em minha intervenção que se pode difundir muitos rumores, fazer coisas horríveis pela Internet. Não penso que o homem esteja se comunicando. Para que essas novas tecnologias? Não há mais limites. Na França, temos a expressão *il faut raison garder* (é preciso manter a razão) e penso que o homem está se tornando insensato com esse instrumento que o permite "navegar" pelo mundo inteiro, com inúmeras informações mais ou menos justas. Tenta-se criar utopias, tenta-se construir grandes cidades planetárias, uma *cyber* cidade planetária. Não é verdade. O homem nunca foi tão sozinho.

***IHU On-Line* – Por que é importante trazer esse debate a um congresso internacional e ao meio acadêmico?**

Marie-France Bouilly – Penso que é interessante conduzir esse debate, pois estamos no centro dele. Essa geração de estudantes tem a mesma problemática, tanto na França quanto no Brasil. É um problema interplanetário e se consegue que as pessoas, enquanto temos meios de comunicação extraordinários, tais como o trem TGV (Trem de Grande Velocidade), o avião, o telefone, se reúnam para manter justamente esse contato. Os homens se separam cada vez mais, se fecham. E disso, eu ainda não consigo entender verdadeiramente a causa. Mas estamos em uma sociedade do isolamento. Observe que, na atualidade, se pode trabalhar do interior da zona rural. Existe o telefone celular, o monitor e não há mais necessidade de sair de casa. Desligamo-nos do mundo real. Vivemos em um mundo virtual. E isso, para mim, que sou uma mulher de contatos, é muito difícil de entender. Nada substituirá um aperto caloroso de mão, um olhar, um contato com seu cliente, seu interlocutor. Como queremos definir a personalidade do indivíduo que está diante de nós, pelo monitor? Um monitor é frio, vazio, glacial. Na vida, não é assim, é de outra forma. Estamos em pleno isolamento. O homem se isola. Há muita angústia. Será que eles têm medo? Penso que ele teme o mundo real no qual vive. Isso é certo. Podemos fazer uma videoconferência onde cada um fala de seu país sobre o tema. Mas é tão agradável vir ao encontro dos outros. E isso está terminando. Estão se criando *cyber robôs.*

***IHU On-Line* – De que maneiras as novas tecnologias podem se tornar instrumentos políticos de construção da cidadania?**

Marie-France Bouilly – Hoje se pode tudo fazer pela Internet. Pode-se votar, gerenciar a conta diretamente, mas não se pode responder sobre isso. Estou mais voltada para a comunicação pura, a verdadeira comunicação. A do encontro do outro.

A educação liberal gerou a fragilização em massa

Entrevista com Gilles Lipovetsky

O filósofo Gilles Lipovetsky participou do VIII Seminário Internacional da Comunicação - Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito, realizado nos dias 3 e 4 de novembro de 2005, na PUCRS, falando sobre o tema Do pós-moderno ao hipermoderno: mídia, mulher e moda, sobre o qual foi entrevistado pela revista **IHU On-Line**.

Gilles Lipovestsky é professor da Universidade de Grenoble, França. É autor de alguns livros, como **A era do vazio**. Lisboa: Relógio de Água, 1989; **La crepuscule du devoir. L' éthique indolor des nouveaux temps démocratiques**. Paris: Gallimard, 1992 (**O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Pub. D. Quixote, 1994); **A Terceira Mulher. Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; **O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Com Eliette Roux escreveu o livro **Le luxe éternel: De l'âge du sacré au temps des marques**. Paris: Gallimard, 2003; (publicado em português sob o título **O Luxo eterno. Da Idade do Sagrado ao Tempo das Marcas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005); **Les Temps Hypermodernes.** Paris: Grasset, 2004 (Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004); **Metamorfoses da Cultura Liberal Ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004. Lipovetsky concedeu entrevista à **IHU On-Line**, na 105ª edição, de 14 de junho de 2004, com o título Moda, luxo e hiperindividualismo. Na edição número 143, de 30 de maio de 2005, a **IHU On-Line** reproduziu uma entrevista com o pensador francês sob o título O filósofo da moda e na 153ª edição, de 29 de agosto de 2005, publicamos uma resenha do livro **O Luxo Eterno**, realizada por Antônio Madalena, coordenador de eventos da Livraria Cultura, de Porto Alegre.

A entrevista, a seguir, foi realizada pela redação da **IHU On-Line** no câmpus da PUCRS.

***IHU On-Line* – Que diferenças caracterizam o pós-moderno do hipermoderno e como acontece essa transição?**

Gilles Lipovetsky – A principal característica é a idéia de entender, enfim, de fazer sentir que algo era novo. Mas o conceito estava mal, não era pertinente, pois dava a idéia de que a

modernidade estava morta, quando, na verdade, se trata simplesmente de uma outra modernidade que apareceu. Pós-moderno quer dizer: a modernidade está morta. Ora, ela não está morta. É uma outra modernidade, e penso até que se trata de uma modernidade muito mais radical, pois os antigos dispositivos que freavam a modernidade, como a política, a família, os papéis sexuais, tudo isso explodiu e somente os grandes princípios da modernidade estão nos conduzindo: a autonomia individual, o mercado, e a tecnociência.

***IHU On-Line* – E nessa transição, que relações o senhor poderia estabelecer entre a mídia, a mulher e a moda?**

Gilles Lipovetsky – A relação é bastante simples, pois durante muito tempo a moda, nas antigas sociedades, se disseminava em grupos pequenos, ou seja, tratava-se, no fundo, de modelos de proximidade que divulgavam a moda… E, a partir do século XIX e no século XX, a gente conhece a moda pela mídia, pelos jornais, pela propaganda comercial, ou seja, pelas imagens. É enorme esse papel, pois o exemplo da delgadeza é um dos mais terríveis. A gente vê muito bem que a força, o peso da mídia tem sido enorme. Todas as mulheres já integraram esse modelo da delgadeza. Há muito tempo, o cinema, a propaganda, tem gerado uma imagem ideal da beleza feminina. Esse é um ponto, mas há muitos mais… Afinal, as mulheres recebem suas informações pela mídia e acomodam-se, criam seus filhos... Os modelos tradicionais estão desaparecendo, e as pessoas procuram, no modelo educacional, as respostas para suas perguntas. "Meu filho não fala, como é que devo agir?" Elas (as mulheres) lêem as matérias. "Meu marido me trai, então será grave, não será grave?" A mídia, e acredito que cada vez mais será assim no futuro, nos oferece soluções. Nos anos 1950, 1960, isso não existia, era uma mídia unicamente para o entretenimento. Hoje vamos para uma mídia que responde às angústias dos homens e das mulheres, que estão um pouco perdidos. Então se oferece para eles debates, discussões, para eles verem que não estão sós, para eles verem o que se pode oferecer como soluções.

***IHU On-Line* – O conceito de luxo diz respeito aos diferentes segmentos sociais ou está havendo uma mudança cultural nesse conceito?**

Gilles Lipovetsky – O mercado do luxo é complexo, é múltiplo. Existem vários luxos. Portanto, comprar um produto, um perfume Yves Saint-Laurent é um luxo relativamente acessível para as classes médias, mas existem outros luxos, totalmente inacessíveis… Ou seja, acho que passamos de um luxo relativamente homogêneo, que era o luxo tradicional, um luxo muito regulamentado, muito codificado, muito convencional, para consumos de luxo mais misturados. Há um mercado do luxo muito diferenciado e não há mais imperativos. É possível misturar diferentes estilos, diferentes preços. Não existe mais a pressão coletiva do luxo, ela desapareceu. O modelo tradicional era a corte real, com os imperativos. Hoje dá para fazer o que a gente quer, pode-se misturar as coisas.

***IHU On-Line* – E quais as relações que podem ser estabelecidas entre o luxo e o consumo sem limite, e a falta das grandes regras e de metas no mundo contemporâneo?**

Gilles Lipovetsky – São duas as leituras disso. O luxo se desenvolve, porque ele vem compensar a falta de sonho, as pessoas procuram isso. Essa leitura é pessimista, mas não deixa de ser verdadeira. Parte dela é correta, mas não é tudo. Acho que tem uma parte positiva também, algo de gosto, um gosto hedonista, de saborear e descobrir coisas bonitas. Os grandes amantes do vinho não estão em fuga. Eles gostam

de um bom vinho, compram garrafas de bom vinho, caras, um produto de luxo, e eles sentem uma real felicidade com coisas de altíssima qualidade, eles são colecionadores, ou seja, o colecionador sente prazer em comprar esse produto. A psicologia do colecionador é algo bastante complicado. Mas mostra que a libido pode estar em outro lugar que não no sexo. A libido pode estar nas mãos, no nariz, nos ouvidos, no gozo, e eu acho que o luxo é um.

***IHU On-Line* – A paixão pelo descartável nas sociedades contemporâneas cria a necessidade do durável. Como se manifesta essa necessidade?**

Gilles Lipovetsky – São várias as causas do mito do durável. Primeiro, as razões ecológicas. Temos hoje uma cultura totalmente diferente, em que as pessoas começam a entender, acham imoral jogar tudo fora, desperdiçar... afetaria as próximas gerações. E uma segunda razão é que persiste o gosto pela novidade, mas o antigo reconquistou um certo valor. Eu sou da geração que gostava do novo. Hoje, a gente vê o gosto pelas coisas velhas, pelo *vintage*[4], pelas antiguidades. O passado recuperou um certo valor, porque a modernidade está mais angustiada e não estamos mais vivendo numa fase na qual se cultua apenas o moderno, o novo. O que dura gera uma certa segurança, uma marca do tempo contra a sociedade do efêmero, do digital, do virtual. Há nisso algo tangível, um pouco nostálgico também. Essa é uma tendência do consumo, não a única.

***IHU On-Line* – E como o senhor relacionaria as características da nossa época e o aumento dos problemas, como o suicídio, a angústia, a depressão e o medo?**

Gilles Lipovetsky – É o que acompanha a individualização. Os indivíduos deixaram de ser conduzidos pelo coletivo. Eles não têm mais um grande objetivo coletivo que possa levá-los. Também houve uma mudança nas formas da educação. A gente gera filhos fracos, frágeis, e esse é um grande enigma para o futuro. Mas não há dúvidas de que a educação liberal gerou a fragilização em massa. Esse será um desafio para o século XXI. Deveremos reconquistar o espaço, mas a educação também, pois a gente vê pessoas muito frágeis, como se tivessem ficado sem força, e ali está um belo ideal: o que é educar? A gente não tem progredido muito nesse sentido.

***IHU On-Line* – Não há limites para as crianças?**

Gilles Lipovetsky – Não. Elas não recebem uma boa educação. Como se diz agora, as crianças são hiperativas. Não têm senso dos limites. No futuro, deveremos pensar muito bem sobre esse assunto, já que há tudo por ser inventado. Não acho que isso possa durar muito tempo, pois não deixa de ser um grande desperdício humano. Os próprios pais reconhecem, com muita ansiedade até, que não sabem mais criar filhos.

***IHU On-Line* – Como as relações entre os indivíduos influem na visão que temos de nós mesmos e no desastre ecológico que estamos vivendo, na instabilidade geral, em especial no mundo do trabalho e do desemprego?**

Gilles Lipovetsky – As relações de trabalho têm alterado as relações entre os indivíduos. Outrora, eles pertenciam a grupos, eram operários, as relações existiam no nosso universo, não se pediam coisas complicadas. Hoje temos as demissões, há uma incerteza quanto ao futuro, as pessoas se questionam.

---

[4] Até pouco tempo atrás, se usava o termo *vintage* apenas para vinhos, para designar grandes safras e os melhores anos. Então, a moda, em seu passeio por várias épocas, incorporou o termo para diferenciar um genuíno modelo de época de sua releitura. (Nota da ***IHU On-Line***)

Antes se dizia: "É o capitalismo". Hoje também, mas além disso se diz: "Eu é que não sou bom, não estou à altura". Vemos que a instabilidade no mundo do trabalho tem gerado falhas e coisas muito difíceis de serem encaradas para indivíduos que se questionam, que têm dúvidas sobre si. Ao mesmo tempo, isso gera um maior distanciamento entre o indivíduo e a empresa. As pessoas estão mais desconfiadas, elas sabem que sua posição não é perpétua. Portanto, o futuro pede indivíduos cada vez mais móveis, capazes de trocar de empresa e até de profissão. E por isso é que, numa situação geradora de tanta angústia, a educação tem tanta importância. Quanto melhor a formação, maiores as chances de encontrar um novo emprego. Se não tiver uma formação inicial, a situação se torna trágica. Por isso, no século XXI, a hipermodernidade deve fazer um tremendo esforço em matéria de educação, de formação. Caso contrário, geraremos indivíduos que sempre serão rejeitados, e isso é algo terrível.

As biotecnologias e a construção social de um corpo perfeito

Entrevista com Lucien Sfez

Lucien Sfez é professor de Ciência Política na Universidade de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, onde dirige o Departamento de Comunicação, Tecnologias e Poder, o Centro de Investigação e de Estudos sobre a Decisão Administrativa e Política (CREDAP) e a Escola Doutoral de Ciência Política. Após ter trabalhado sobre a ideologia da decisão linear, racional e livre, importante para a administração nos anos 1960 e 1970, Sfez dedicou-se a estudar a ideologia da comunicação nos anos 1980 e 1990, e depois, a ideologia-utopia da "saúde perfeita", nova religião deste início de século. Ele consagrou os seus mais recentes trabalhos à dupla tecnologia/poder.

Entre seus livros publicados, citamos: **Le Rêve biotechnologique**. Paris: PUF, 200; e **Technique et idéologie: Un enjeu de pouvoir**. Paris: Seuil, 2002. Em português foram publicados os seus livros **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia**. São Paulo: Loyola, 1995; e **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

O professor esteve em Porto Alegre nos dias 3 e 4 de novembro últimos, participando do VIII Seminário Internacional da Comunicação - Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do Sujeito, realizado na PUCRS. Na ocasião, concedeu a entrevista a seguir, pessoalmente, à redação da **IHU On-Line**.

***IHU On-Line* – Como aconteceu sua passagem acadêmica do processo da comunicação para a elaboração de uma teoria sobre a utopia da saúde perfeita?**

Lucien Sfez – Esta passagem se explica pela adaptação. As tecnologias

dominantes hoje não são as mesmas de amanhã e as de amanhã não são as de depois de amanhã. Sempre me interessei pelas tecnologias dominantes do momento. Por exemplo, nos anos 1960 e 1970, a tecnologia dominante com o aparecimento do computador, era a NCB - Nationalisation des Choix Budgétaires (Nacionalização das Escolhas Orçamentárias). Ou seja, graças ao computador tentaram criar cenários científicos sobre o que deveria normalmente se realizar. Nesta primeira seqüência, me interessei muito pelas decisões, pela maneira como se podem tomar decisões nessas condições. Decisões que são tomadas nessas condições são eficazes? Por exemplo, o senhor McNamara[5], que era Secretário da Defesa dos EUA, tinha tomado a decisão, com o presidente Kennedy, de invadir Cuba[6]. Por quê? Porque os computadores diziam isso, e que iria com certeza dar certo, porque era uma excelente decisão técnica e tecnológica, e que Cuba era incapaz de responder a tal ataque. Bem, da mesma forma, os computadores disseram que o Vietnã seria vencido sem problemas pelos Estados Unidos, que tinham um grande número de aviões e de bombas e os meios tecnológicos de informação. Era o que dizia o computador. Esqueceram da possibilidade de uma estratégia de disseminação. Em um território muito vasto disseminaram tudo com bombas. Os americanos não tinham pensado nisso, tinham pensado em um exército contra o outro, numa grande imbecilidade. Foi isso que critiquei na época. A ultra-racionalização. Dizia que há muitos elementos irracionais na decisão.

Pensar as decisões de outra forma

E justo no Ocidente, houve, na Europa, um grande entusiasmo que mudou esta hiper-racionalização tecnocrata no final do governo de De Gaulle[7] e de Giscard[8], presidentes da república na época. Não era somente em Paris, mas em vários lugares na Europa que se queria sair disso. Era um dos efeitos indiretos da revolução de 1968, de querer pensar o sistema de decisões de outra forma. E então, se ouviu dizer que a política iria mudar as coisas. Era justamente o retorno da política contra a tecnocracia. Escrevi um livro sobre isso, não traduzido no Brasil nem em Portugal. Chama-se ***L'enfer et le Paradis - Politique Symbolique***[9]. Ele mostra que pode haver, em certas condições, um retorno das políticas. Isso não durou muito, pois as ilusões da esquerda, tanto na Europa como em qualquer país, não duram. Os homens continuam iguais.

O interesse pela comunicação

Comecei a me interessar pela comunicação no início dos anos 1980, uma vez que sentíamos que a esquerda não resolvia os problemas que afirmava poder resolver. Esse interesse surgiu, primeiro, porque havia uma grave crise no audiovisual e surgiam muitas idéias tecnológicas, um grande número de canais. Isso não existia antes. Cito o exemplo da França, quando, no princípio dos anos 1950, havia apenas um canal. Depois apareceu um segundo nos anos 1960 e um terceiro nos anos 1970. Eram três canais em todo o país. A partir do momento em que as tecnologias nos permitem ter um grande número de canais, acontece uma crise no audiovisual. Houve, igualmente, uma crise econômica nesta época. Quem iria pagar por isso? Como

---

[5] **Robert McNamara** foi secretário de defesa dos EUA nos governos de Kennedy e Johnson, além de ter sido o 5º presidente do Banco Mundial, de 1968 a 1981. (Nota da ***IHU On-Line***)

[6] Aqui o entrevistado se refere ao episódio de novembro de 1962, por ocasião dos mísseis russos instalados em Cuba. (Nota da ***IHU On-Line***)

[7] **Charles de Gaulle** (1890-1970): general e presidente da França de 1958 a 1969. (Nota da ***IHU On-Line***)

[8] **Valéry Giscard d'Estaing** foi presidente da França de 1974 a 1981. (Nota da ***IHU On-Line***)

[9] SFEZ, Lucien. ***L'Enfer et le paradis. Critique de la théologie politique***, Paris: PUF, 1978. (Nota da ***IHU On-Line***)

a publicidade se apresentaria? O que iria ocupar o lugar da publicidade dos jornais? Há toda uma relação entre a publicidade da imprensa escrita e a publicidade audiovisual. Esse era um aspecto da coisa. O outro era que começaram a me dizer que, graças ao computador e à inteligência artificial, era possível mudar radicalmente a vida das pessoas. Foi esse tipo de discurso que ouvimos mais tarde em uma segunda "camada", nos anos 1980 e nos 1990: o discurso suplementar sobre a Internet. Diziam que iria mudar a consciência humana, que iria suprimir as desigualdades, que iria permitir a educação para todos, o lazer para todos etc. Isso vai recriar a comunidade em sua base? É possível em alguns casos, mas será muito mais limitado do que se imagina. É preciso adaptar a alguns casos e a certos territórios.

Uma crítica à comunicação tecnológica

Foi aí que fiz minha crítica à comunicação, que era uma crítica à comunicação tecnológica. Não critico a comunicação como tal, evidentemente, mas como comunicação tecnológica, que afirma poder resolver os problemas da comunicação social. E chego então à sua questão, pois não poderia respondê-la sem explicar o que eu disse até agora. Nesta passagem da tecnologia da comunicação à saúde perfeita, há uma coisa que tenho tendência a dizer: que as modas tecnológicas evoluem constantemente. E o que foi considerado, em uma determinada época, como a forma mais maravilhosa de racionalidade, hoje se tornou ridículo. Ninguém acredita que a própria política possa mudar o que quer que seja. Mas é melhor isso do que nada. Melhor isso do que a ditadura. Quanto à comunicação tecnológica, ela própria não é eterna, pois a moda passa. Isso não quer dizer que a Internet seja tão negativa, nem que eu seja contra a televisão. Quer dizer que me falaram de coisas ilusórias e que um dia terminaram por se darem conta de que se trata somente de um instrumento, como o carro que me permite andar por aí.

Qual será o próximo golpe tecnológico?

A Internet é um bom instrumento para a correspondência. Mas para fazer pesquisas, não creio, pois nada pode substituir uma pesquisa conceitual. É o conceito que se elabora em sua cabeça que permite interrogar os arquivos. Então, não inventemos história. Eu sabia que essas coisas iriam passar, que estavam passando. Então me pergunto qual será o próximo golpe. Qual vai ser o próximo golpe tecnológico? Pois é sempre no campo tecnológico que isso acontece. Então vi que na imprensa o que acontecia era cada vez mais significativo. Tudo isso ia girar em torno da ciência. Mas qual? Quais as ciências que duram? Ao final, compreendi que isso se faria com a biologia, porque ela corresponde ao nosso corpo e não há nada mais importante no mundo do que isso. Desde que o homem existe, ele quer ser eterno. É um sonho muito antigo. Hoje se vê que isso pode se realizar. Não totalmente, mas em parte. Segundo a Bíblia, no início dos tempos, havia homens e mulheres que viviam 500 anos. Está escrito lá. Evidentemente é uma metáfora, como muitas coisas que estão na Bíblia. Biólogos estão pesquisando, por exemplo, os genes do envelhecimento e querem alongar a vida. Há biólogos que dizem que, trabalhando sobre esse tipo de gene do envelhecimento, vamos poder viver normalmente até 120 anos, em média. Não esqueçamos que se dorme três meses por ano nos países desenvolvidos. Não falo do Brasil, ou, em todo o caso, falo do Brasil da classe rica.

O desejo do corpo perfeito

Esse processo de prolongar a vida é uma vontade de ir além. Então, eu

questiono: como vai ser a aposentadoria? Estaremos mal nessa questão. E é claro que com boa saúde, pois ninguém vai querer viver tanto sem saúde. Então nos damos conta de que as populações dos países desenvolvidos trocaram todas as suas aspirações de ideologias políticas, igualitárias, justicialistas, por uma vontade individualista de ter o corpo perfeito, ou quase perfeito. Como disse meu cardiologista na França, brincando, mas com razão: "Hoje não se morre mais do coração". É verdade. E se você tiver um acidente cardíaco, mesmo no interior, você será salvo no hospital. Você morrerá do coração se estiver preso em um engarrafamento, após ter tido um acidente cardíaco. Mesmo o câncer teve progressos consideráveis, não de forma tão espetacular como as doenças cardíacas, pois é muito complicado. E quando houve o projeto genoma, fomos alertados. Ele consiste em analisar todos os genes do indivíduo, de toda a humanidade, pois temos o mesmo capital genético. Quando houve o projeto genoma, decidi trabalhar nesse campo.

Biosfera 1: um projeto "louco" dos americanos

Fui também atraído por um outro projeto americano espetacular, que foi o Biosfera 1, o contrário do Biosfera 2. Biosfera 1 era uma pequena unidade que foi criada no Arizona, com 3.400 espécies vegetais, alguns animais e oito humanos, quatro homens e quatro mulheres, que ficaram encerrados lá durante dois anos em um hangar de vidro que só deixava passar os raios solares para permitir a fotossíntese. Tudo era fechado. Houve mulheres que se relacionaram com os homens e outras não. Como na vida normal. Ficaram trancados por dois anos. Alimentaram-se do que era cultivado na terra e de animais criados. Até o ar foi produzido por fotossíntese. Era um projeto louco dos americanos para ter um planeta limpo, sem poluentes. Esse projeto era apoiado pela NASA e um dia iria ao espaço, pois seria preciso enviar colônias espaciais desse modelo. Dei-me conta de que se havia ido longe demais nesse tipo de brincadeira, criando-se populações de seres artificiais dos quais se tinha programado a vida, aos quais se daria de comer, aos quais se permitiria ter filhos etc., que, em seguida, ficariam doentes e depois morreriam. E isso foi o cúmulo da racionalidade abstrata nesse domínio. É verdadeiramente a sobrevivência da espécie humana como seres artificiais. Interessei-me por isso simplesmente porque vi que há uma revolução com o espírito público, na passagem da obsessão fanática pela comunicação tecnológica para uma obsessão fanática pelo corpo. Como muitas pessoas, tenho um computador que utilizo todos os dias, não tenho nada contra. Simplesmente não faço dele o centro de minha vida. Todavia, isso era dito nos anos 1990. Dizia-se que o computador iria mudar tudo. A mesma coisa para a saúde perfeita hoje, mas aí de maneira muito mais durável. Toda essa tecnologia se liga ao corpo, à sobrevivência, e a uma sobrevivência quase eterna. A passagem de um assunto a outro se explica pela passagem das modas tecnológicas.

***IHU On-Line* – E sobre a cultura contemporânea, o que o senhor diz sobre as várias tentativas de se chegar à imortalidade?**

Lucien Sfez – Em primeiro lugar, não é uma idéia nova. Há vários textos sobre essa questão. É um velho sonho, como o de voar. Esse sonho está mais próximo de se realizar hoje, certamente. A cultura da super-humanidade, da eternidade, da imortalidade, se desenvolve em virtude da criação de medicamentos em todo o mundo. Cada subcultura toma formas particulares. No Brasil, isso existe há muito tempo. Quer-se um corpo absolutamente perfeito, então se passa o tempo todo a se refazer e mudar o corpo e o rosto.

Não digo que isso não exista na França, mas no Brasil isso de desenvolveu particularmente. Falo do culto da beleza, que não quer ser efêmera, mas sabemos que a beleza é efêmera. O Brasil quer ser bonito, conservado sob o conceito eterno de beleza. Na França, somos os campeões de barbitúricos. Não suportamos a mínima contrariedade, em conseqüência, tomamos medicamentos para ficarmos calmos, felizes. É preciso admitir que se possa ter tipos de contrariedades, de contradições, de raivas, o que as pessoas não querem, então tomam medicamentos. Cada país tem suas características, mas todos querem viver totalmente em boa saúde, sem contradições, de forma helênica e eterna.

***IHU On-Line* – Como o senhor fez estudos sobre o Brasil, na sua opinião, como se manifesta no nosso país, que é um dos mais desiguais do mundo, a busca da saúde e do corpo perfeito?**

Lucien Sfez – Vou ser detestado pelos brasileiros pelo que vou dizer. Se há algo que os brasileiros não suportam é que critiquem seu país. Eles aceitam criticá-lo e o fazem. Mas quando um estrangeiro critica, ficam furiosos. São extremamente suscetíveis. Então você quer que eles fiquem brabos comigo?

***IHU On-Line* – E então como o senhor vê a questão da saúde no Brasil?**

Lucien Sfez – A saúde perfeita não é um sistema. Não há sistema de saúde social ou privado que seja perfeito. Em um país tão desigual como o Brasil, é impossível se pensar em um sistema de saúde privado para a maioria da população. Então só é possível pelo sistema público. Não quero dizer com isso que o sistema público de saúde funcione tão bem assim. Mesmo para os mais pobres, funciona muito mal. Ainda mais se considerarmos o fato de que os hospitais são lugares cheios de gente competente. A medicina brasileira não está sendo contestada. Ela tem uma tradição, é uma boa medicina. Simplesmente, nos hospitais públicos, tem gente demais. Se você tem um problema, marcarão uma consulta para daqui a três meses. Se você tem uma crise cardíaca, a mesma coisa: "venha daqui a três meses". Se tiver uma peritonite, três meses. Você terá tempo de morrer várias vezes. O único meio de se tratar no Brasil é o de passar pela assistência privada. É o que faz a classe média. Não falo somente dos ricos, a classe média se empenha em poder pagar o serviço privado e poder entrar em clínicas privadas.

O novo sagrado do Brasil: a beleza do corpo

Parece-me que o Brasil, com seus 160 milhões de habitantes, tem 40 milhões que são muito pobres, 40 milhões que são ricos, e 80 milhões que estão no grupo que é chamado de classe média. Os 40 milhões de pobres podem morrer; entre os 80 milhões, há muitos que não podem pagar a assistência privada, que também vão morrer. A parte que paga pode continuar vivendo. O que sobra para a saúde perfeita? Sobra o culto do corpo, o culto do esporte, a beleza dos homens e mulheres, em todas as classes da sociedade. Isso é o novo sagrado. O sagrado cotidiano dos brasileiros que não têm dinheiro para se tratar é, evidentemente, a beleza do corpo. É o novo sagrado do país. Tem também a magia de poder embelezar uma vida que não é muito bela. Penso, por exemplo, na França, na Bélgica, ou, ainda, na Inglaterra. Mesmo a Inglaterra tendo dificuldades, possui um sistema de saúde que funciona bem. Nos Estados Unidos, no tempo de Bill Clinton, tentou-se aprovar uma lei sobre o sistema de saúde pública para todos, principalmente para os pobres, e que foi recusado pelo Congresso. Há algo como entre 45 e 50 milhões de americanos que podem morrer. Se eu

disser isso nos Estados Unidos serei expulso. Mas é a realidade. Se você cair na rua, irão conduzi-lo ao hospital. Depois apresentarão a fatura e se você não tiver como pagar, tudo bem. Mas que médico irá acompanhá-lo? Que medicamentos você tomará? Você poderá morrer.

***IHU On-Line* – Como o senhor define o conceito de utopia da saúde perfeita?**

Lucien Sfez – A utopia não funciona como a ideologia. A ideologia funciona pela dominação, a maioria reinante faz interiorizar os comportamentos. A utopia é mais complexa. Ela tecnicamente corresponde a critérios literários. Começou por Platão, passando por todos os utópicos do século XV. Há cinco características literárias na utopia: a primeira é o isolamento. A ilha utópica de Thomas More (advogado, escritor e político inglês, autor do clássico ***A Utopia***. São Paulo: Martins Fontes, 1993) é uma ilha isolada dos outros, de difícil acesso. A segunda é o fato de que, bruscamente, a comunidade utópica pode instalar regras. Por exemplo, quando houve a doença da "vaca louca" na Europa, no outro dia, as pessoas pararam de comer carne. Foi 50% da população européia que agiu dessa forma. Esse é um modo de governo utópico. A terceira característica são as regras de higiene, a transparência, a limpeza. A quarta é a técnica como solução de todos os problemas. A técnica é, ainda, um instrumento totalitário da utopia. A quinta característica é o retorno às origens, pois elas nos reconduzem a Adão, ou seja, a antes que o homem tenha sido tocado pela decadência dos costumes, da sociedade etc. Não é por acaso que os teóricos do genoma chamaram a genética de Adão II. É a idéia de que se vai retornar à natureza graças à tecnologia.

destaques da semana

entrevistas da semana pg. 20
artigo da semana pg. 32
análise de conjuntura pg. 34
filme da semana pg. 36
memória pg. 39
deu nos jornais pg. 42
frases da semana pg. 46

Substituir a igualdade pela justiça é imoral

Entrevista com Manuel Reyes Mate

O filósofo espanhol Manuel Reyes Mate esteve na Unisinos, durante o IX Simpósio Internacional da Associação Ibero-Americana de Filosofia Política e VIII Colóquio de Filosofia Unisinos, de 19 a 21 de outubro. Durante sua estadia, conversou com a revista **IHU On-Line** durante uma hora, no Instituto Humanitas Unisinos. O filósofo abordou diversos temas, entre os quais a preocupação permanente pela filosofia política e sua relação com a religião. Publicamos, a seguir, alguns trechos de nossa conversa com o filósofo.

Reyes Mate é professor e pesquisador no Instituto de Filosofia de Madrid. Estudou em Paris, Roma, Münster e Madri e foi diretor do Instituto de Filosofia de Madri de 1990 a 1998. Pertence ao Conseil Scientifique du Collège International de Philosophie de Paris. Tem uma vasta obra publicada. Entre seus livros publicados, citamos: **Memoria de Auschwitz. Actualidad moral y política**. Madrid: Trotta, 2003; **Por los campos de exterminio**. Barcelona: Anthropos, 2003; **Tolerancia y religión**, Barcelona: Anthropos, 2003.

Organizou, com Hugo Assmann, os dois volumes intitulados **Sobre la religión,** reunindo e comentando os principais textos de Karl Marx, Friedrich Engels e outros,sobre a religião. Os livros foram editados pela Sígueme, em 1974, Salamanca.

De Reyes Mate a **IHU On-Line** publicou o artigo O outro da religião, edição número 127, de 13 de dezembro de 2004; a entrevista As tradições religiosas e o melhor humanismo não devem permitir a morte do homem, edição 128 , de 20 de dezembro de 2004.
Publicamos também O artigo Uma cultura do consenso, edição número 156, de 19 de setembro de 2005 e a entrevista O campo de concentração está se convertendo no símbolo da política moderna, edição no. 160 de 17 de outubro de 2005.

***IHU On-Line* - Como foi sua trajetória intelectual? Quais os grandes temas pelos quais tem-se interessado?**

Reyes Mate - Sempre me interessei pela reflexão política. Minha primeira tese de doutorado é sobre a significação política do ateísmo. A segunda é na área de filosofia (fiz na Espanha), sobre a Escola de Frankfurt[10]. Interessei-me pelo conflito moderno entre a razão e a religião, ou dito de outra maneira, interessa-me a concepção da razão ilustrada subjacente à atividade política e à atividade moral. Num segundo momento, me aproximei desses problemas na escola de Frankfurt, sobretudo com os autores da última geração, como Habermas[11]. Nessa geração, aparece um componente que eu não tinha levado muito em conta: o judeu. Assinala a crítica da razão ilustrada, a importância de todo o mundo simbólico ou religião em um contexto histórico bem determinado como são o nazismo e as crises políticas da Europa. Esses 31 anos, de 1914 a 1945, que foram chamados por Hobsbawm[12] de era da barbárie, apresentam não sei se um novo problema ou uma nova luz, que é a significação para toda essa convulsão européia e, portanto, para todas as teorias políticas e morais, Auschwitz, que passa a ocupar um grande espaço nessa reflexão. O que me interessa é a sua significação histórica, e isso acaba afetando o conceito de política, moral, estética e filosófica, aparecendo no decorrer das publicações que venho fazendo. A última é ***A memória de Auschwitz*** (Mate, Reyes. ***Memoria de Auschwitz: actualidad moral y política***. Madrid: Trotta, 2003.), que acaba de ser traduzida para o português. E em breve, sairá uma interpretação quase frase a frase das teses de Walter Benjamim[13].

***IHU On-Line* - Como foi seu trabalho com o filósofo brasileiro Hugo Assmann?**

Reyes Mate- Hugo Assmann[14] me conhecia da Alemanha e desse contexto de reflexão na teologia política. Ele apareceu com umas propostas bem diferentes das européias. A teologia política européia buscava analisar criticamente o sentido político da religião. Digamos, porém, que é uma

---

[10] **Escola de Frankfurt**: Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. A Escola de Frankfurt é uma escola de pensamento marxista de Sociologia, Pesquisa Social e Filosofia que abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Franz Neumann, entre outros. A Escola de Frankfurt é conhecida por seu programa de desenvolver uma "teoria crítica de sociedade" (Nota da ***IHU On-Line***)

[11] **Jürgen Habermas** (1929): Filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a fabilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da ***IHU On-Line***)

[12] **Eric Hobsbawm** (1917): historiador britânico de linha marxista. Um dos grandes teóricos do Movimento Comunista britânico. (Nota da ***IHU On-Line***)

[13] **Walter Benjamin** (1892-1940): Filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da ***IHU On-Line***)

[14] **Hugo Assmann** é professor na Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália. É Gaúcho, foi professor de teologia no Seminário de Viamão na dedada de 1960. Exilado, foi um dos pioneiros da teologia da libertação. Uma vez radicado na Costa Rica, inicia uma importante pesquisa, juntamente com Franz Kinkelammert sobre Economia e Teologia. Já de volta para o Brasil, dedica-se aos temas da educação. (Nota da ***IHU On-Line***)

reflexão muito teológica, uma reflexão onde a tradição cristã não se dissolve em outras teorias. O que existe é sua própria identidade e suas próprias praxes, o que se choca com as idéias de Hugo Assmann. Estou falando dos anos 1960, que marcam o inicio da teologia da libertação, em que a carga do marxismo condiciona o sentido da tradição religiosa, portanto do simbólico, do cristão que me chamou a atenção, e assim criamos uma relação. Eu nunca me identifiquei totalmente com nenhum dos dois pensamentos, mas isso me levou a oferecer ao leitor de língua espanhola uma série de debates. Então, Hugo e eu redigimos juntos uma obra em dois volumes sobre a crítica marxista da religião, primeiro em Marx e Engels e depois nas grandes correntes marxistas.

***IHU On-Line* - Quais seriam as principais teses nessa relação marxismo-cristianismo?**

Reyes Mate - Hugo e eu fazíamos uma crítica interna ao marxismo e uma interpretação à crítica marxista da religião em que se abria a possibilidade a uma interpretação não-dogmática e nova da crítica marxista da religião. O que me movia durante os primeiros anos de 1970 era essa intenção política, por um lado, e esse traço teórico, por outro.

***IHU On-Line* - Na última entrevista que o senhor nos concedeu propõe a globalização da justiça não só no sentido espacial, mas também temporário. O que isso significa?**

Reyes Mate - Estamos falando muito nesses últimos anos da globalização, da justiça global, do que está sendo entendido como universalização espacial. Temos entendido que a justiça não se limita aos Estados, que era um princípio que funcionou até agora. O Estado é a grande criação política da humanidade, dizia Hegel, e tinha razão. Em teoria, o Estado é um lugar onde se conciliam os interesses individuais e os coletivos. Um estado democrático é um lugar em que os súbditos são também legisladores. É muito importante que os que se submetem às leis sejam os mesmos que as criam. O lado negativo dessa importância do Estado é que se reduziam todos os problemas éticos às fronteiras. Por exemplo, se dentro de um estado democrático acontece uma catástrofe, há um consenso generalizado que toda a comunidade tem que ajudar. Mas esse sentido ético da política acaba na fronteira. Se a catástrofe ocorre em Andaluzia, na Espanha, esses mecanismos morais funcionam, porém se ocorre 18 km mais longe, em Marrocos, já não há nenhuma responsabilidade moral. O que há é uma certa solidariedade, uma caridade, uma atitude que sai do dever e fica no gosto dos bons sentimentos.

***IHU On-Line* - Então precisamos de uma justiça que transcenda as fronteiras?**

Reyes Mate - Já que a economia funciona globalmente, por que não a justiça? Da mesma maneira que a economia transcende os Estados e funciona com regras independentes dos interesses estatais, afortunadamente digo, a justiça tem começado também a responder a essa situação com questionamentos globalizadores que atribui responsabilidades além dos limites dos Estados. Isso está acontecendo nas teorias morais, nas teorias da justiça, mas também no Direito, estão se criando instâncias como o Tribunal Penal Internacional que persegue delitos em lugares diferentes de onde estão os juizes. Estamos procedendo a uma justiça espacialmente globalizada. A justiça só será universal se for global no espaço e no tempo.

***IHU On-Line* - O que seria a justiça global no tempo?**

Reyes Mate - Temos que recuperar leituras dos clássicos sobre as desigualdades. Um clássico como

Rousseau[15] escreveu duas grandes obras. ***Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens***[16] e ***Do Contrato social***[17]. Ele explica que o homem nasce igual, e quando sai do estado natural, começa a utilizar sua razão e vontade e entra no estado social. É quando aparecem as desigualdades que não são produtos naturais, são produzidas pelo ser humano. É a grande tese do século XVIII. As desigualdades atuais são produto de atos injustos cometidos no passado e portanto nascemos inocentes até o momento em que nos identificamos com essa situação. A partir desse momento, os que herdaram as fortunas devem dar conta das desigualdades que outros herdaram. Esses sucessos e infortúnios procedem da mesma história comum. Eu resgato essa idéia do século XVIII, criticando a resposta política que aconteceu e continua acontecendo.

***IHU On-Line* - Qual tem sido essa resposta política?**

Reyes Mate- A resposta política vai no sentido de evitar que as desigualdades se reproduzam e para isso devemos criar uma sociedade na qual todos sejamos iguais. Essa proposta supõe uma imoralidade, apesar de sua aparência nobre. A imoralidade está em que, sendo conscientes de que as injustiças atuais são produto das injustiças passadas, em vez de propor uma política que crie uma ordem para fazer justiça às injustiças, se diz: esqueçamos o passado, coloquemos um manto de esquecimento e criemos condições para que isso não se repita.

***IHU On-Line* - A igualdade tem um sentido ambíguo?**

Reyes Mate- Essas condições de igualdade, não se referem à igualdade material, ou seja, que todos tenhamos a igualdade que não tivemos no passado. Trata-se da igualdade na liberdade. Trata-se de que a partir de agora todos tenhamos o mesmo poder na hora de decidir. A igualdade do voto é uma igualdade na capacidade de decisão, mas se fôssemos coerentes deveríamos falar de uma igualdade material. Então se substitui responsabilidade pela desigualdade, oferecendo uma política cujo objetivo seja a igualdade material, mas para isso há que reparar as injustiças passadas. Substitui-se o conceito de justiça pelo de igualdade na liberdade. Isso marcou toda a política contemporânea. Eu discordo desse conceito e insisto na importância da memória.

***IHU On-Line* - Reduzir a justiça à liberdade é a marca do liberalismo?**

Reyes Mate- Exatamente, o liberalismo é essa importância `"excessiva" que se dá à liberdade, ou seja, a liberdade é fundamental para a existência política, mas a igualdade também. Eu chamo liberalismo a essa "fagocitose[18]" do conceito de igualdade ou desigualdade pela liberdade. Um liberalismo que nos influencia e domina os autores mais críticos como poderia ser Habermas, por exemplo. Essa "fagocitose" da igualdade pela liberdade tem que ser

---

[15] **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): Nasceu em Genebra. Filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da ***IHU On-Line***).

[16] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1976. 121 p. (Nota da ***IHU On-Line***)

[17] ROUSSEAU, Jean-Jacques. ***Do contrato social***. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 440 p. (Nota da ***IHU On-Line***)

[18] **Fagocitose**: "Ingestão e destruição de uma partícula sólida ou de microorganismo por uma célula", segundo ***Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa***. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Nota da ***IHU On-Line***)

denunciada. Ambas são pilares da política, mas, como diz Bloch[19], nessa ordem, primeiro a igualdade e depois a liberdade. Bloch diz: "a fome é a primeira lâmpada na qual há que pôr azeite". O problema das desigualdades é o primeiro problema político. Eu suspeito que a mentalidade liberal que se apoderou do Ocidente, faz um par de séculos, tem levado a desvirtuar a tradição do pensamento da filosofia política. Em Aristóteles, a política é a relação entre ricos e pobres. Essa consciência de que o primeiro problema da política é a fome, o pão, o material, porque a justiça é materialidade. Com essa operação de trocar justiça ou igualdade por liberdade, acabamos lendo Aristóteles como se o problema da política fosse a relação entre os homens livres e os não-livres. Em Aristóteles o que subjaz na relação entre os livres e os escravos é o problema entre os pobres e os ricos. Desconstruir uma história do pensamento político totalmente interpretado pelo lado da liberdade, me parece uma das tarefas mais urgentes.

Auschwitz se caracteriza por ser um projeto de esquecimento

***IHU On-Line* - Quais as relações que se estabelecem entre injustiça e memória no campo de concentração de Auschwitz?**

Reyes Mate - Não podemos nos permitir uma teoria da justiça que esqueça a memória justamente porque ocorreu Auschwitz[20]. Há um antes e depois de Auschwitz. Esse fato tem um significado epocal. A singularidade de Auschwitz é um projeto de esquecimento. Barbáries e genocídios têm havido muitos. Poucos anos antes de Auschwitz, teve lugar um genocídio do qual pouco se fala, mas teve quase o mesmo número de vítimas que o genocídio judeu, foi o genocídio da Ucrânia. Calcula-se que entre 5 e 6 milhões de ucranianos morreram, sob o comando de Stalin, de fome. A singularidade de Auschwitz não é numérica, nem está no fato de que as pessoas ali envolvidas sofreram mais, como se houvesse um ranking de sofrimento. Essa classificação de sofrimento é imoral. Auschwitz se caracteriza por ser um projeto de esquecimento: tudo estava pensado para que não ficasse nada nem ninguém. A pessoa estava condenada à morte pelo simples fato de ser judeu, ou ter tido um avô judeu. Tudo devia ser destruído, não devia ficar nenhuma marca, por isso se queimavam os corpos, se trituravam os ossos em moinhos e se expandiam as cinzas. Entendia-se que havia que apagar da história a existência deste povo e sua contribuição à humanidade. Auschwitz significa que sem consciência de injustiça não há justiça possível, e os nazistas sabiam disso, por isso queriam apagar toda marca de injustiça para que jamais se falasse na justiça.

***IHU On-Line*- Essa lógica repetiu-se em outros momentos da história e de outras formas?**

Reyes Mate- A lição de Auschwitz serve como chave de leitura do que ocorre na história. Havia tanta inumanidade no conceito de progresso quanto no conceito de Auschwitz. Eu acho que a humanidade e a filosofia foram coniventes com o esquecimento, com o custo da história. A história custou vítimas, e a filosofia dava uma interpretação muito benévola a esse

---

[19] **Ernst Bloch** (1885-1977)**:** Um dos grandes filósofos alemães do século XX. Marxista heterodoxo que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem**.** (Nota da ***IHU On-Line***)

[20] Auschwitz, localizado na cidade de Cracóvia, na Polônia, foi o maior e mais cruel campo de concentração do regime de Hitler. Calcula-se que, em suas câmaras de gás e crematórios, foram assassinadas por volta de um milhão de pessoas. Em 1944, no auge do Holocausto, morriam seis mil pessoas por dia. Auschwitz tornou-se sinônimo do genocídio contra os grupos perseguidos pelos nazistas. Em 27 de janeiro de 1945, os soviéticos libertaram os presos deste campo de extermínio. (Nota da ***IHU On-Line)***

custo. Há uma banalização do tipo "assim como para fazer uma omelete, é preciso quebrar ovos", assim se via o custo do progresso como algo que acaba beneficiando a maioria da população e o futuro de nossos descendentes. Para esse ponto de vista, então que provisoriamente haja um setor da população que possa ficar no caminho é considerado um mal menor. A história da filosofia tinha-se especializado em banalizar o custo da história. A mesma lógica que funciona nos campos de extermínio funciona no campo do progresso, a lógica do esquecimento, do desprezo teórico, do sofrimento, de não dar importância teórica ou hermenêutica ao que significa o sofrimento. Isso em Auschwitz aparece de uma maneira exagerada, porque os nazistas tinham essa consciência de que, evitando-se que nada nem ninguém fizesse a pergunta pela injustiça, morria a justiça. A justiça só podia funcionar como resposta à voz que pergunta sobre a injustiça.

***IHU On-Line*- Que outros autores caminham nessa direção da recuperação hermenêutica do sofrimento? Moltmann, Metz?**

Reyes Mate- Moltmann[21] é um autor que bebe de Metz[22]. Metz disse que Moltmann escreve livros das conferências que ouve de Metz, e eu acho que ele tem razão. Metz leu pouco, mas entendeu muito bem Walter Benjamin, porque os autores de referência são Benjamin e Adorno, mas a experiência de referência é Auschwitz, evidentemente. Há poucos autores que trabalham nesta direção. Depois da I Guerra Mundial, houve uma afloração intelectual extraordinária, dinâmica e criativa em filosofia, literatura, teologia, artes, cinema. No entanto, a II Guerra Mundial não produziu nada. O único pensamento que se aproxima um pouco foi o existencialismo, falo do existencialismo sartriano, neutralizado por Heidegger. O início de um pensamento alternativo a Auschwitz estava em Adorno e foi desaparecendo, não teve continuadores. Esse pensamento está ainda por ser descoberto e fecundado. Adorno vê Auschwitz, pelo que Benjamin escreveu, sem conhecer Auschwitz, porque se suicidou antes. Eu chamo Benjamin de anunciador do fogo, soube ler seu tempo, soube ler essa lógica letal que levava à destruição da humanidade, mas o que ocorreu superou seus próprios avisos. Ele imaginava os campos de concentração, mas o que havia foram campos de extermínio.

Para os oprimidos o estado de exceção é permanente

***IHU On-Line* - Estaríamos próximos do Estado de exceção de que fala Agamben. Em que o senhor concorda e em que discorda com o autor?**

Reyes Mate - Eu disse que Adorno foi esquecido, mas ele retorna com Agamben[23]. Sua tese do Estado de

---

[21] **Jürgen Moltmann** (1926): Professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de ***Teologia da Esperança***, São Paulo: Herder, 1971 e ***O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã***, ***Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação***. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. (Nota da ***IHU On-Line***)

[22] **Johann Baptist Metz**: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da ***IHU On-Line***).

[23] **Giorgio Agamben** (1942): Filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Universitá di Macerata, Universitá di Verona e da New York University, cargo ao qual renunicou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão ***Il linguaggio e la morte*** (Einaudi,

Exceção[24] é muito importante. O grupo de pesquisa que eu dirijo teve a honra de traduzir Agamben em língua espanhola. Eu não concordo com o autor quando ele afirma que o campo de concentração é símbolo da política contemporânea. Se isso fosse assim, seria um escárnio às vitimas dos campos. O que mais desejava um prisioneiro de Auschwitz que um estado liberal contemporâneo? Isso faz com que se entenda Agamben quando ele diz que o campo de concentração é o símbolo da política moderna. Eu matizaria isso com a tese quarta de Benjamin que diz: "para os oprimidos o estado de exceção é permanente". Os impérios funcionavam assim: para as metrópoles, um estado de direito e para as colônias, um Estado de exceção, a suspensão do direito, deixando para o soberano as regras de jogo da convivência. Podemos traduzir oprimidos por sem-documentos, imigrantes, etc... Se para os oprimidos a forma de existência é o estado de exceção, que direito é esse que se converte em norma civilizada para os opressores? É a grande pergunta que surge do estado de exceção sobre o direito, que é capaz de reduzir sua norma a uma parte da população. Esse é um debate ao qual Agamben também é muito sensível, a idéia de que o Direito nasce da violência e se mantém graças à violência, e que a distância entre a justiça e o direito é enorme. Deveríamos manter muito clara essa distinção e evitar esse caminho pelo qual transita a filosofia política, por exemplo, de Habermas, que pensa que o direito absorve a amoralidade da justiça.

A religião é um assunto público

***IHU On-Line* - Como o senhor está acompanhando o debate contemporâneo sobre o lugar do cristianismo em um Estado leigo?**

Reyes Mate - O debate entre Luc Ferry[25] e Marcel Gauchet[26] está sendo, nestes tempos, um dos mais fecundos na Europa. Uma coisa está clara: a solução da ilustração não funciona mais. A idéia de que o conflito entre a razão e religião se resolve, dando à religião um caráter privado e que os assuntos de ética política são leigos está ultrapassada. Por um lado, a aparição dos fundamentalismos nos dizem que a religião é um assunto público e essa presença de religiões não-cristãs em países leigos de origem cristã tem produzido uma convulsão enorme. Um exemplo disso é toda a polêmica que despertou o véu islâmico. Minha familiaridade com o olhar judeu sobre a história européia me fez ver as coisas de outra forma. Nos séculos XVIII e XIX, a Europa debate a questão judia. ***A questão judaica***[27] é um livro de Marx e Bruno Bauer. A questão principal aí é o difícil lugar de um diferente em um Estado moderno caracterizado pela igualdade. Nesse debate entre Marx e Bruno Bauer, Bauer dizia que para resolver o problema da emancipação política dos judeus, e conseguir os

---

1982), ***La formula della creazione*** (Quodlibet, 1993), escrito com Giles Deleuze, ***Homo Sacer*** (Einaudi, 1993/ *Homo sacer- O poder sobernao e a vida nua -UFMG*), ***Que lê resta di Auschwitz***, (Bollati Boringhieri, 1998) e ***Stato di Eccezione*** (Bollati Boringhieri, 2003) (Nota da ***IHU On-Line***).

[24] ***Estado de Exceção*** (São Paulo: Boitempo, 2005) é uma reconstrução histórica e uma análise da lógica e da teoria por trás da sua evolução e conseqüências, de Hitler aos prisioneiros de Guantánamo. Para isso o Agamben destrincha o pensamento de Carl Schimitt (autor alemão, contemporâneo de Walter Benjamin, com quem polemizou) e seus estudos sobre ditaduras; filósofos e teóricos do direito; e as mudanças nas constituições européias e norte-americanas que levaram a instituição do estado de exceção como paradigma (Nota da ***IHU On-Line***).

[25] Luc Ferry foi ministro da Educação na França, autor de ***O que é uma vida bem-sucedida***. São Paulo: Difel, 2004. Com André Comte-Sponville escreveu ***A sabedoria dos modernos***. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Nota da ***IHU On-Line***)

[26] Este debate resultou na publicação do livro Luc FERRY. Marcel GAUCHET. ***Le religieux après la religion***. Paris: Grasset, 2004. (Nota do ***IHU On-Line***).

[27] MARX, Karl. ***A questão judaica.*** São Paulo: Moraes, 1970. (Nota da ***IHU On-Line***)

mesmos direitos civis e políticos que os outros era necessário um Estado leigo. Em um estado leigo, as pessoas são vistas em sua singularidade cidadã e não como pertencentes a uma religião. Um estado leigo é religiosamente neutro e aí os judeus têm seus direitos, então têm que ir a um estado leigo para resolver o tema da emancipação política. Mas Bruno Bauer observava que os judeus devem romper com suas raízes: o calendário é o cristão, os valores dominantes na sociedade são os protestantes, pede-se ao judeu algo que não se pede ao cristão.

***IHU On-Line-* Está em questão, então, o conceito de laicidade?**

Reyes Mate- Essa constatação anterior me levou a suspeitar sobre nossa laicidade. Há uma polaridade que se está produzindo na Espanha entre os setores leigos, que dizem ser o Estado moderno depurado de todo elemento religioso, e a Igreja Católica, os muçulmanos, de alguma forma, buscam na religião uma legitimação da política. Pensam que a política segue tendo uma fundamentação religiosa. Trata-se de uma polarização muito violenta que passa por discussões como a religião nas escolas e polariza a sociedade. Diante desse problema, eu comecei a revisar o conceito de laicidade. Isso que chamamos laicidade é o cristianismo secularizado. Isso faz com que os leigos atualmente reajam ao véu islâmico, no fundo porque reagem à pré-conceitos pós-cristãos. A laicidade tem dois momentos: por um lado é emancipação, libertação da religião como fundamento da política. A política se fundamenta na vontade dos cidadãos; por outro, é o de que os valores da laicidade são os do cristianismo secularizado. Diante de uma situação assim nos perguntamos o que fazer. Depuramos a laicidade de todo o evento religioso simbólico para ser conseqüentes? Ou repensamos a relação com as tradições religiosas? O primeiro leva ao absurdo. Então haveria que repensar o outro que tem a ver com o debate de Gauchet e Luc Ferry e é semelhante ao debate que houve entre Habermas e Ratzinger na Alemanha.

***IHU On-Line-* Qual seria o central nesse debate?**

Reyes Mate- O central é a possibilidade de falar em valores absolutos à margem das tradições religiosas. Ferry e Gauchet estão de acordo no que é impossível. Valor absoluto seria estar disposto a morrer por algo, que haja algo superior à própria vida. Ferry pensa que é impensável o valor absoluto sem uma religião e não se pode manter sem uma relação com uma religião, portanto, salienta a importância do pré-político para os valores políticos. Já Gauchet pensa que uma vez que se tem criado a figura do valor absoluto pode funcionar gestionada por uma comunidade à margem de qualquer tradição religiosa. O fundo do assunto é que a política não cria valores. Os valores se criam no campo pré-político. A política elege determinados valores e os coloca em circulação. A Revolução Francesa não criou os valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Só disse "esses são nossos princípios". A questão é, se uma vez em circulação, a gestão política pode regular as imperfeições que essa circulação produz ou necessita uma relação constante com o pré-político.

***IHU On-Line-* E no caso de Habermas e Ratzinger?**

Reyes Mate - Habermas disse particularmente que, numa sociedade plural, o que se chama verdade só pode nascer de uma espécie de confiança mútua entre os opostos. Eu somente posso pretender que minhas propostas sejam aceitas pelo outro como válidas, se eu reconheço no outro a mesma possibilidade. Entendo menos Ratzinger porque, no último livro publicado em espanhol, ele assumiu suas posturas dogmáticas sobre a verdade. Mas, no debate, ele se aproximava de Habermas

vendo a verdade como um desafio à pluralidade de religiões.

"É necessário lançar as bases de uma nova civilização"

Entrevista com Edgar Morin

Edgar Morin, em entrevista publicada no jornal *La Repubblica*, em 13 de novembro de 2005, reflete sobre a rebelião francesa nestas últimas três semanas. Nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu temos publicados textos de Alain Touraine que, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou ontem, e a página já publicara na terça-feira, dia 8-11-05, uma entrevista com Jacques Le Goff e outros pensadores sobre o mesmo assunto.

"Imagine um toco de cigarro que origina um incêndio num mato seco: com o vento, as chamas se propagam primeiro para as regiões mais próximas depois para as mais longínquas". O sociólogo Edgar Morin, pai do pensamento da complexidade, usa esta metáfora para resumir o que está acontecendo nas periferias francesas. "Para apagar esse fogo, servem palavras de humanidade e compreensão, mas nunca insultos e repressão", explica.

Professor, nestes dias todos os subúrbios se manifestam: como o senhor descreve esta situação?

Os subúrbios são os lugares da desintegração social. Para a maior parte dos jovens de origem magrebina que os habita, os procedimentos tradicionais de assimilação não funcionam mais. Há, além disso, entre estes jovens, uma consciência fraquíssima de pertença a uma entidade nacional. E isso por dois motivos: o primeiro é que a escola não tem mais a força necessária para transmitir e fazer amar a cultura francesa; o segundo, se deve às repercussões do conflito histórico entre ocidente e mundo islâmico".

Em que sentido?

Entre estes adolescentes alguns têm os documentos, outros não. Alguns trabalham, mas muitos são desempregados. Alguns sobrevivem na legalidade, outros devem recorrer à economia paralela da droga ou do furto. A tudo isso se acrescenta a brutal repressão dos policiais franceses entre os quais, um dos insultos mais em voga é "árabe sujo".

Mas quem são os vândalos?

São adolescentes que se reúnem em bandos recriando uma pequena sociedade à luz do modelo do clã pré-histórico. Quando acontece uma desintegração do tecido social, estes jovens se reintegram num novo tecido com um território próprio, uma autoridade legítima, que é o chefe das regras de comportamento reescritas. Estes bandos estão, muitas vezes, em conflito entre eles, mas estão, sobretudo, em guerra aberta com a sociedade. Creio, no entanto, que a palavra "casseur" seja muito restritiva: certamente, estes jovens devastam tudo o que encontram pela frente, mas isso acontece somente nos momentos de euforia coletiva, portanto eles não podem ser criminalizados, mas compreendidos e ajudados".

De quando vem este fenômeno?

De muitos anos. Eu lhe asseguro que este tipo de revolta já se deu diversas vezes nas periferias francesas. Mas até há algumas semanas, estas revoltas eram circunscritas aos seus lugares de origem. Explodiam num bairro sem

contagiar os outros. Eram revoltas efêmeras e localizadas. Agora, pelo contrário, elas atingem proporções inauditas por se terem tornado uma rebelião coletiva dos jovens que foi desencadeada pela morte de dois deles, talvez assassinados pela polícia. Uma granada contra uma mesquita justificou aos olhos de muitos deles estas revoltas."

Houve, enfim, a palavra infames, que o ministro do Interior, Nicolas Sarkosy, novamente pronunciou há dois dias.

Um insulto que jogou mais gasolina no fogo e que originou uma espécie de terrível festa devastadora que continua a ser celebrada todas as noites com a destruição de automóveis, escolas, postos policiais, restaurantes.

Como se deu o contágio da violência de um bairro a outro?

Bastaram as imagens dos primeiros choques, os de "Clichy-sous-bois", transmitidas pela televisão. Em poucas horas, outros pequenos grupos de delinqüentes provaram a mesma vontade destruidora em outras periferias da França. O fenômeno se generalizou rapidamente.

Quais são as causas profundas do mal-estar juvenil?

Veja, quando uma doença é muito grave, juntamente com as suas causas é preciso curar também os sintomas. Teria bastado uma repressão muito mais pontualizada e precisa contra aqueles que organizam estas revoltas. Assim como está, a reação da polícia me parece demasiadamente confusa. São, pois, necessárias palavras de humanidade, de solidariedade e de compreensão pela tragédia que golpeia os guetos onde vivem estes adolescentes. E por parte do governo francês não ouvi, até agora, um só discurso deste tipo.

E que soluções sugere?

Existe uma só: a integração social que passa por um profundo plano de reformas não só econômicas e sociais, mas também morais e políticas. Os adolescentes são sempre o anel mais fraco da sociedade francesa. É, portanto, necessário acordar neles o sentimento de pertença a uma nação, à Europa, ao Ocidente.

O que acontecerá agora?

A situação se acalmará, mas será difícil afastar das nossas consciências o espectro de tudo o que estas revoltas significaram. Será necessário repensar a política social francesa. Mas para recomeçar se necessitará, antes, lançar as bases de um novo modo de conviver ou, se preferir, de uma nova civilização.

Os lugares dos excluídos e a modernidade falida

Entrevista com Marc Augé

"Se hoje a periferia é um mundo que amedronta e no qual parece impossível se aventurar, é também porque nas últimas décadas este lugar típico da modernidade urbano conheceu uma transformação radical que modificou radicalmente os espaços e as relações sócias". Marc Augé, o antropólogo dos "não lugares" que muitas vezes se interrogou sobre os códigos e sobre os ritos da contemporaneidade, fala das periferias como de uma realidade complexa em movimento, dificilmente capaz de ser reconduzida a poucas coordenadas estáveis e definidas. Para o antropólogo, hoje existem muitos modelos de periferia, muitas vezes sobrepostos.

No passado, explica, a periferia era uma espécie de mundo intermediário entre a cidade e a campanha. Hoje, as fronteiras entre estes dois mundos aparecem como incertas. A urbanização desestruturou a cidade, desenvolvendo-a ao longo dos grandes eixos de comunicação e dando vida a um tecido urbano híbrido que se estendo um pouco por tudo. No seu interior, surgiram diversos tipos de periferia imbricadas umas com as outras. Ao lado do universo tradicional das vilas, nasceram os bairros dormitórios. Estes novos bairros, sem estrutura social e de serviços são, muitas vezes, isolados do espaço próximo, mesmo se surgem ao lado de outros aglomerados urbanos. Muitas vezes os primeiros sintomas de tensão nos bairros periféricos aparecem nos confins dos diversos tipos de periferia. Na França, por exemplo, nas vilas vivem os representantes de uma pequena burguesia voltada sobre si mesma, enquanto que nos bairros-dormitório se concentram as populações de imigrantes. A entrevista com Marc Augé foi publicada pelo jornal italiano **La Repubblica**, 11-11-05.

Sempre foi assim?

Os grandes bairros-dormitório nascidos nos anos 1970, hoje estão decrépitos e à margem da explosão. Representam a falência de uma idéia de modernidade. Inicialmente representavam o sonho de uma vida melhor. Eram o símbolo de um possível progresso social. A evolução socioeconômica os transformou em guetos cheios de desespero e ressentimento. Foram abandonados, sem completar as necessárias infra-estruturas sociais e culturais. Pouco a pouco, se tornaram lugares de estacionamento para as populações imigradas flageladas pelo desemprego. Deviam ser um espaço de integração social, mas se transformaram num lugar de exclusão. As periferias degradadas se tornaram o pólo negativo da sociedade, um pólo que catalisa os medos dos outros".

Entre este tipo de periferia e o resto da cidade ainda existem relações?

Cada vez menos. Nas grandes metrópoles, o tecido urbano é compósito e disperso, mas, no seu interior, a segregação espacial é marcante. Também quando os bairros-dormitório se reencontram no interior das cidades, permanecem sempre como

um mundo separado. Os habitantes destes bairros e os outros se ignoram. Não têm relações sociais. É como se não se vissem. Conseqüentemente, cada um projeta sobre o outro os próprios fantasmas e os próprios medos. Quem habita no centro imagina as periferias como um universo de violência, enquanto quem habita na periferia imagina o centro como lugar onde se concentra tudo aquilo de que se sente excluído.

Os grandes bairros dormitório podem ser considerados como 'não lugares'?

Para nós aparecem como "não-lugares", isto é, espaços anônimos sem traços da história de quem viveu ou das relações sociais que lá se desenvolveram. É, no entanto, uma impressão relativa porque para os habitantes destes lugares tão pouco atraentes eles são o único espaço com que podem se identificar. São a única realidade que conhecem e a única na qual não se sentem estrangeiros. São espaços degradados e infelizes, mas inseparáveis da sua história. Os habitantes os investem de sentido e de uma identidade que, muitas vezes, é uma identidade relativa, nascida do sentimento de exclusão. Para os jovens entre quinze e vinte e cinco anos que têm a impressão de não ter nenhuma colocação na cidade, o bairro torna-se o único espaço que ele podem se apropriar. Este espaço muito limitado e do qual, raramente, podem sair, torna-se o território que é preciso defender.

Nesse sentido, a fronteira entre a periferia, e o resto da cidade se torna cada vez mais intransponível.

Quem habita na periferia acaba por interiorizar a fronteira que o separa das outras fronteiras. Não por acaso, quando os jovens das periferias vão para o centro, permanecem juntos. Freqüentam os espaços que mais recordam o anonimato dos seus bairros. A fronteira está na sua cabeça. É como se permanecessem confinados nas periferias ainda que não se encontrem lá. Naturalmente, para tais situações contribuem muito os outros que projetam sobre a periferia os seus preconceitos e a sua desconfiança. Pela fúria de sentirem-se considerado diferente, os jovens das periferias terminam por reivindicar tal diversidade.

Por que se organizam em bandos?

A sensação de não ter nenhum destino pessoal no interior da coletividade nacional os leva a criarem o refúgio das minicoletividades de base territorial. Isso lhes permite reencontrar uma identidade coletiva, construída em oposição ao mundo que não os quer acolher. Nestes pequenos grupos, se misturam pessoas de origens muito diferentes, dando lugar a uma identidade mestiça muito longínqua das tradicionais. São identidades que depois se conotam pela linguagem, pelos comportamentos, pelos modos de vestir etc. Assim, as tribos periféricas se tornam produtoras de cultura, no sentido que criam modos de comportamento e de comunicação. É preciso também recordar que, muitas vezes, as microcomunidades reproduzem os modelos de exclusão que sofrem, aplicando-os nos confrontos com aqueles que vivem fora do seu espaço.

Por que sempre a periferia é associada à violência?

Não acredito que o mundo das periferias seja mais permeável que os outros à violência. É, antes, a visão dos outros que projeta incessantemente a violência sobre estes bairros, como se fosse a sua única dimensão. No século passado, o poder temia o que ele chamava as "classes perigosas". Hoje, o discurso dominante está fabricando novas "classes perigosas", só que se trata de grupos de jovens localizados em determinadas áreas urbanas. Os jovens que hoje se revoltam nas periferias

francesas quebrando tudo, agem como se, improvisamente, quisessem aderir in toto à imagem que a sociedade faz deles. A sua violência é um sintoma de desilusão e uma demanda. Para as pessoas constantemente discriminadas por causa do bairro em que vivem, da cor da pele ou da bagagem econômica e cultural, a violência se torna um modo de existir e ser reconhecidos. Sem violência, ninguém se preocuparia com eles. Naturalmente, isso é só uma constatação e não uma justificação.

Transformando e rehabilitando o espaço das periferias é possível inverter a tendência?

O espaço e o social estão sempre conectados. No entanto, não basta transformar o espaço para modificar as relações sociais. A restauração dos bairros deve fazer parte de uma batalha mais geral contra a marginalização socioeconômica dos seus habitantes. Dito isso, as intervenções urbanísticas podem ser úteis para superar o isolamento. A degradação do espaço não só exprime a degradação social mas a multiplica. Renovar e transformar os guetos urbanos é um modo de reconhecer e valorizar os seus habitantes, E quando nos sentimos respeitados, respeita-se também os outros.

Artigo da semana

França: jovens e automóveis do tempo presente

Por Luís Carlos Lopes

"O anarquismo incendiário destes jovens, não-politizados pela escala convencional, talvez tenha muito mais significados do que se imagine. Seriam eles os novos bárbaros que abalariam os fundamentos do neoliberalismo? É cedo para afirmar. O que se sabe é que está ocorrendo na França pode ocorrer em muitos outros lugares do mundo. Basta haver miséria, poder de Estado insensível, gasolina e juventude". A análise é de Luís Carlos Lopes, professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**, dia 7 de novembro de 2005. Eis a íntegra do artigo, publicado também no sítio www.unisinos.br/ihu na última semana.

A mídia trata a rebelião juvenil nos subúrbios de Paris como obra de vândalos e incendiários. Como não atentar para o fato de que esses rebeldes, ao contrário dos de 1968, vêm das periferias urbanas e escolheram o automóvel, principal bem simbólico de nosso tempo, como alvo?

A rebelião juvenil, começada há mais de dez dias nos subúrbios de Paris, está se espalhando, com características muitos semelhantes, por várias partes do território francês. As notícias veiculadas falam de um *modus operandi* que inclui a destruição obsessiva de automóveis, o incêndio de prédios públicos e privados e o enfrentamento com as forças policiais.

O coquetel Molotov garrafa com gasolina e uma mecha parece que é a principal arma dos insurretos. Há notícias do uso de pedras, de paus e dos punhos. Domingo último, foi noticiado um caso isolado de uso de armas de fogo, produzindo alguns feridos. As polícias, encarregadas da repressão,

usam o arsenal contemporâneo de armas não-letais, permitido pelas democracias do pós-guerra. Até o presente momento, não há informações sobre o uso de maior força bélica. Existem dezenas de presos e alguns feridos. Os bombeiros são peça chave do aparato de poder, devido à sucessão interminável de incêndios.

O espetáculo midiático conservador trata os jovens como vândalos e incendiários. Relata que a rebelião vem ocorrendo nas noites frias do quase inverno francês, iluminado por inúmeras fogueiras e, também, movimentadas por correrias e gritarias dos excluídos da riqueza local. Os rebeldes, muito diferentes dos de 1968, vêm das periferias urbanas, sobretudo de Paris, onde se concentram os graves problemas dos emigrantes e dos nativos mais pobres. De modo geral, as mídias mais integradas ao poder de nossa época não têm interesse em analisar as condições de vida e emprego destes insurgentes. Obviamente, há todo um interesse em chamar à atenção para a presença de muçulmanos e de negros.

Ao que parece, o movimento é fundamentalmente espontâneo. Seu desdobramento foi, possivelmente, mimetizado a partir da leitura pública das mídias de sua existência. A aparição nos veículos dos discursos racistas e conservadores de membros do governo Chirac retroalimentou o movimento, tal como se usasse gasolina para apagar um incêndio. O governo é co-responsável por tudo o que está ocorrendo. Vive-se uma crise política local, com desdobramentos ainda desconhecidos.

As razões desta insurreição referem-se à face que normalmente se esconde das nações contemporâneas, ou se destacam como problemas exclusivos do denominado Terceiro Mundo. Na Europa ocidental rica e orgulhosa do sucesso do euro, milhões de pessoas têm imensas dificuldades de sobrevivência. Diz-se aos jovens, por meio da publicidade massiva, que eles devem consumir os símbolos da atual modernidade. Mas, as possibilidades de um simples emprego são de fato distantes, quando não inalcançáveis.

A destruição de centenas de automóveis não deve parecer estranha, apesar de historicamente nova. Afinal, o automóvel é o principal bem real e simbólico de nosso tempo. O que seria do mundo atual, onde as nações são conduzidas a desenvolver modelos de consumo similares, se a produção e venda de carros sucumbisse? A publicidade diz para todos que ser feliz é dirigir uma máquina em uma auto-estrada. O sentido da vida tem quatro rodas. O amor é possível para quem dirige. O sucesso é simbolizado pelo preço, modelo e aparência do veículo que se possui.

O anarquismo incendiário destes jovens, não-politizados pela escala convencional, talvez tenha muito mais significados do que se imagine. Seriam eles os novos bárbaros que abalariam os fundamentos do neoliberalismo? É cedo para afirmar. O que se sabe é que está ocorrendo na França pode ocorrer em muitos outros lugares do mundo. Basta haver miséria, poder de Estado insensível, gasolina e juventude.

O preço da astúcia. A União gasta R$ 250 por aluno rico e R$ 92 por aluno pobre

O artigo abaixo é de Cristovam Buarque, senador, PDT-DF, publicado no dia 12 de novembro de 2005, no jornal **O Globo** e divulgado nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu do mesmo dia.

Depois de declarada a Independência, os dirigentes do Império decidiram educar os filhos da pequena aristocracia livre, excluindo os escravos. O número de escolas públicas de qualidade aumentou com a República, mas as massas continuaram sem acesso à educação.

Quando o desenvolvimento e a urbanização começaram a pressionar pela educação das multidões dos centros urbanos, os astutos dirigentes abriram escolas públicas municipais, sem recursos nem qualidade, e transferiram seus filhos para escolas privadas de qualidade, cuidando de financiá-las em parte com dinheiro federal, por meio de renúncia fiscal.

Hoje, o topo da pirâmide social gasta R$ 58 bilhões com a educação privada de seus 7 milhões de filhos, e recebe de volta R$ 1,1 bilhão, como restituição do Imposto de Renda. Enquanto isso, os 48 milhões de alunos do ensino básico público recebem R$ 34 bilhões, dos quais apenas R$ 4 bilhões são recursos federais. Graças à astúcia da aristocracia republicana, a União gasta anualmente R$ 250 por aluno do topo da pirâmide social, e R$ 92 por aluno da base.

Os dirigentes abandonaram o ensino básico aos municípios e estados, mas mantiveram o financiamento da União para as universidades. A astúcia do topo inventou um mecanismo de seleção dos melhores entre os seus filhos para restringir o acesso à educação superior gratuita e de qualidade, graças à educação básica de qualidade que eles recebem. Algo como uma astuciosa cota de exclusão para os filhos dos pobres. Tendo recebido uma educação fundamental de péssima qualidade, paga pelos municípios, os filhos da base abandonam o ensino médio, ou não disputam o vestibular em igualdade de condições com os filhos do topo, que receberam boa educação. E a União paga por ano quase R$ 10 mil para cada filho do topo na universidade federal. Nossa democracia republicana não ameaça privilégios aristocráticos.

Quando percebe o aumento da demanda por acesso à educação superior, o topo novamente mostra sua astúcia: em vez de aumentar o número de vagas nas universidades estatais, libera a criação de faculdades particulares, mantendo as universidades federais, gratuitas e com qualidade, para seus filhos. A juventude abaixo do topo vê novos horizontes, mas em cursos sem qualidade, e à custa de imensos sacrifícios, às vezes da falência financeira de suas famílias.

Quando essa falência começa a gerar insatisfação, astuciosamente o topo decide isentar de impostos as universidades particulares que ofereçam bolsas de estudo. Retiram mais R$ 57 milhões da União para o ProUni financiar parte do custo de 112

mil vagas em faculdades particulares, mas não ampliam os gastos com os 48 milhões de alunos do ensino básico.

Mas toda astúcia tem um preço. O Brasil percebe o alto custo do abandono da educação básica. Porém, em vez de trocar a astúcia pela solução, o topo apresenta o Fundeb — um investimento adicional, por parte da União, de R$ 1,9 bilhão para a educação básica em 2006, e que pretende chegar a R$ 4,3 bilhões em quatro anos — e o anuncia como um grande feito. É a astúcia do Fundeb do governo do PT, que se diferencia da astúcia do Fundef do governo do PSDB por míseros R$ 37 a mais por aluno, por ano. Mas não promove uma ação direta da União na educação básica de todas as crianças.

O pior da astúcia é que ela amarra o topo no seu egoísmo, e engana a base na sua ilusão. Amarra até os que conseguem identificá-la, mas que terminam por defendê-la, como sendo um mal menor. Porque parece melhor a astúcia que engana do que as promessas que parecem nunca se realizar.

Entretanto, não seria difícil trocar a astúcia por um investimento aliado a uma Lei de Responsabilidade Educacional, que permitisse, em poucos anos, garantir a todas as crianças escolas bem equipadas, com horário integral, professores bem formados e bem remunerados, dirigentes com responsabilidade, e um topo da pirâmide com patriotismo e inteligência, no lugar da burra astúcia republicana.

O preço da astúcia é muito maior do que o custo da solução.

Os filmes comentados nesta editoria já foram vistos por algum colega do IHU

Manderlay

Ficha técnica
Nome original: Manderlay
Cor filmagem: Colorida e Preto e Branco
Origem: Alemanha - Dinamarca - EUA - França - Holanda – Suécia
Ano produção: 2005
Gênero: Drama
Duração: 139 min
Classificação: 14 anos
Direção: Lars von Trier
Elenco: Bryce Dallas Howard, Isaach De Bankolé, Danny Glover, Willem Dafoe, Lauren Bacall

O filme de Lars von Trier, Manderlay, é notícia no jornal **Independent**, de Londres. A matéria que segue foi traduzida e publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, no dia 11 de novembro de 2005. Além desse artigo publicamos a análise crítica de Inácio Araújo veiculada no mesmo dia, no mesmo jornal.

"Vou ao lugar onde dói", diz Lars von Trier

Por Emma Bell

Lars von Trier está em Copenhague -na realidade, ao lado da piscina da Zentropa, a coalizão de produtoras da qual ele é co-proprietário, juntamente com Peter Aalbaek-Jensen. Pergunto sobre a política de seus filmes recentes. ”Merda”, diz ele, ”isso soa perigoso. A parte política de minha obra não é nada de que eu me orgulhe. Mas ela tinha de estar presente. Comecei numa época em que todo mundo era muito politizado, quando um filme só se justificava se tinha algum tipo de mensagem política. Mas eu curtia muito a ”arte pela arte”'.

”Manderlay” é o segundo capítulo da trilogia ”EUA, Terra de Oportunidades”, de Von Trier. O filme não decepciona. Como ”Dogville”, estrelado por Nicole Kidman, ”Manderlay” traz a personagem Grace -desta vez representada por Bryce Dallas Howard- e seu set árido e neobrechtiano, destituído de acessórios, que se resume a elementos desenhados no chão em giz. O filme é uma história sobre racismo e escravidão no Sul dos EUA na era da Grande Depressão.

Nos EUA, ”Manderlay” foi visto como tão incendiário que poucos atores queriam ter algum vínculo com o filme. Seu material publicitário afirma que ”Manderlay” é uma metáfora das intervenções agressivas do presidente Bush no Iraque: Grace não é capaz de entender como sua imposição bem-

intencionada da democracia se transforma em severidade ditatorial, e os escravos de Manderlay exigem sua opressão própria, preferindo a certeza do cativeiro.

"Qualquer outro sistema de governo é mais fácil de implementar do que a democracia", diz o diretor. Von Trier já recuou um pouco da afirmação de que o filme seria uma alegoria da intervenção dos EUA. "Não é necessariamente sobre Bush", diz ele. "O filme pode ser visto assim, mas foi escrito antes do Iraque."

"Dogville" e "Manderlay" são inequivocamente antiamericanos? Von Trier suspira: "Não sei. Isso equivaleria a dizer que todo filme que incluir um gângster é antiamericano. Você tem razão, é claro, em dizer que os conflitos mais profundos nos filmes não são especialmente americanos".

"Se existe algo que possa de fato ser dito sobre a política em meus filmes", ele pondera, "eu diria: "Não é nada do qual eu me orgulhe". Mas não acho que exista tanta diferença entre meus filmes atuais e os que fiz algum tempo atrás. Tudo o que posso dizer é que minha técnica consiste em ir até o lugar onde dói -e é claro que isso se aplica a memórias e à história. Vejo as coisas por meio da ótica de minha criação de humanista de esquerda. Procurei sempre desafiar a mim mesmo e minhas crenças. É essa a técnica."

Ninguém poderia acusar Von Trier de ser anti-sentimental. A devastação emocional de "Ondas do Destino", "Os Idiotas" e "Dançando no Escuro" arrasou o público. Algo como um meio-termo entre os extremos vem com o minimalismo neobrechtiano da trilogia americana. Mas a fixação com a dor e o sofrimento fica.

Von Trier gosta de revelar os processos e a política do fazer cinema, especialmente com o movimento vanguardista divertidamente nostálgico Dogma 95.

O próprio diretor é proponente da coletivização, mas evita aderir ao rebanho, protegendo sua condição de autor para conseguir conservar o controle criativo total sobre seus trabalhos. "É como o problema da democracia", ele protesta. "Oitenta por cento dos dinamarqueses são estúpidos demais para a democracia, certo? Porque eles têm outra opinião ou porque não concordam comigo!"

Este foi o ano do décimo aniversário do Dogma 95, e o movimento foi oficialmente encerrado. Eterno rebelde, Von Trier imediatamente planejou um novo filme do Dogma, intitulado "Managing Director of It All". "Será feito com base nas normas técnicas do Dogma, mas não terá certificado porque não se enquadra no outro aspecto do Dogma: as intenções do conteúdo dos filmes".

"Depois de fazer "Manderlay", eu precisava de um pequeno descanso. Eu precisava fazer algo para me divertir, algo que não tivesse propósitos muito ambiciosos", conclui o diretor.

Diretor revê a América com a ironia habitual

Por Inácio Araújo

A inventividade e o espanto ficaram para trás, é verdade. Ficaram em "Dogville", o primeiro filme de Lars von Trier dedicado à cultura americana. "Manderlay" retoma o mesmo sistema cenográfico (com o cenário naturalista substituído por uma planta dos locais) e a mesma personagem central, a jovem Grace.

O mais certo seria dizer os mesmos personagens centrais, pois, além da jovem, existe o protagonista ausente - seu pai, o gângster. Grace continua a representar a boa consciência da América.

Desta vez, a caravana com a garota desloca-se até o Sul profundo, até Manderlay, onde Grace descobre uma fazenda com escravos.

Como estamos nos anos 30, ela passará por uma crise de indignação profunda. Onde já se viu uma coisa dessas? Uma fazenda com senzala e senhora, onde os negros apanham! Grace precisa fazer alguma coisa.

Grace não é propriamente uma aristocrata. Se é para enfrentar a escravatura, ela lança mão de capangas do pai, que darão força a suas belas idéias: emancipar os negros, levar-lhes a consciência da liberdade.

Von Trier é um dinamarquês dotado de estranho humor, que faz de seu filme um lugar de puro pensamento, onde não existe nem dia nem noite nem natureza. Manderlay é um não-lugar. Cultiva-se a terra, mas não se vê sinal das estações do ano, pois não há dia ou noite, frio ou calor. Há o marrom permanente, uma hora sem hora, uma cor sem cor. Nada que não seja pensamento.

O raciocínio que desenvolve é cheio de ironia -como sempre que Von Trier trata dos EUA. Uma ironia que começa com sua afirmação de que nunca pôs os pés nos EUA. E que continua com esses estranhos escravos, que seguem sua nova líder como até há pouco seguiam cegamente sua senhora.

Grace é um apóstolo da liberdade, uma pura americana. Mas ela carrega algo bem dinamarquês, um protestantismo pouco propenso a aceitar as limitações e fraquezas humanas.

Com isso, "Manderlay", dando seqüência à saga de "Dogville", explica ainda melhor o nome do primeiro filme da série, onde o "dog", de Dogville, não vem de cachorros, mas do caráter dogmático da heroína, da postura absolutista que se impõe por trás de sua figura cada vez mais doce. E ela se chama Grace, designando a graça - aquela que por sua ação pode levar a salvação aos homens.

Ainda não consegui descobrir se Lars von Trier não suporta as fraquezas humanas ou se, mais condescendente, as observa com amarga ironia.

O mês em que o Brasil teve três presidentes

Hoje, há 50 anos, o cruzador Tamandaré, segundo maior navio da Marinha brasileira, deixava a Baía de Guanabara quando recebeu a primeira advertência, na manhã de 11 de novembro de 1955. "Proibição para saída de navios de guerra", alertava a bandeira içada da Fortaleza de Lages. A bordo, o comandante da armada, almirante Penna Botto, ignorou o aviso e seguiu em frente. Dez minutos depois, os moradores de Copacabana se assustariam com o primeiro tiro disparado pelo Forte do Leme. Outros seis tiros viriam em seguida, na tentativa de deter o navio. É difícil acreditar, 50 anos depois, numa cena tão insólita. Entre os passageiros do barco, alvo das baterias de costa, estava o presidente da República, Carlos Luz. O navio, sobrevivente do ataque japonês a Pearl Harbor, era uma fortaleza flutuante, com 15 canhões municiados e capazes de pulverizar um bairro inteiro. Para sorte da vizinhança do forte, o Tamandaré não reagiu e a cidade escapou de se tornar palco de uma batalha envolvendo, de um lado, o Exército, e do outro, a Marinha e a Aeronáutica. A reportagem é do jornal **O Globo**, 11-11-05.

A saída forçada do Tamandaré foi o auge de uma sucessão de fatos que entrou para a História como o "Movimento de 11 de novembro". Ao embarcar no navio, um grupo de políticos e militares queria impedir a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek, e de seu vice, João Goulart. A trama só não teve êxito por causa da reação do ministro da Guerra, general Henrique Lott. Para os brasileiros que estranharam quando os vizinhos argentinos, em 2001, empossaram quatro presidentes da República em menos de um mês, vale lembrar que o Brasil chegou perto, em 1955, ao ter três presidentes também em menos de um mês.

JK teve apenas 33,8% dos votos

Desde o ano anterior, marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas, a elite brasileira transitava entre a legalidade e a conspiração. Como explica a professora Marly Silva da Motta, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), havia apostas nos dois lados. O governo do presidente Café Filho era formado por quadros da UDN, partido com um forte sentimento antigetulista. Nas casernas em ebulição, o oficialato se dividia entre o nacionalismo, o antiamericanismo e o temor de uma revolução comunista. Os militares, diz Marly, julgavam que só eles tinham a capacidade de sanear a política dos fracos e das práticas clientelistas.

Foi nesse contexto que Juscelino venceu a eleição de 3 de outubro com uma das menores percentagens dadas a um presidente da República (33,8%). No governo, havia gente que não se conformava com a vitória de JK, prevendo a volta do getulismo. Alegava que o processo era ilegítimo, porque a vitória não ocorrera por maioria absoluta. Os militares, por sua vez, ainda discutiam o que fazer diante dos

parâmetros estabelecidos pela Constituição de 1946 para as Forças Armadas.

"Uma corrente defendia a subordinação ao poder civil. A outra via o Exército como uma elite formadora de ideologia e capaz de comandar o país", sustenta a historiadora Karla Carloni, da UFF.

A crise se arrastou até o dia 1 de novembro, no enterro do presidente do Clube Militar, general Canrobert Pereira da Costa, quando o coronel Jurandir Mamede atacou publicamente os candidatos eleitos e se pronunciou contra a sua posse. O general Lott não tolerou o discurso, julgando-o insubordinação, e quis punir o coronel. Mas encontrou uma dificuldade: Mamede era da Escola Superior de Guerra, portanto subordinado à Presidência da República e não ao Ministério da Guerra.

Lacerda e Luz estavam no navio

Lott não foi atendido pelo presidente Café Filho, que assumira o cargo em 1954 com a morte de Vargas era vice-presidente na época. Café logo depois se afastou da presidência alegando problemas de saúde. Em seu lugar, assumiu Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados e simpático ao esquema da UDN. Irritado com a disposição de Luz em não punir Mamede, Lott pediu demissão. Mas foi convencido a permanecer no cargo e armar um contragolpe, com o decisivo apoio do general Odílio Denis, então comandante da Zona Militar Leste, para neutralizar a conspiração. Eles decidiram ocupar com tropas os pontos-chaves da capital e forçar a punição.

"Lott representou a expressão maior do grupo legalista. Ele era considerado um militar profissional, que até aquele momento não se envolvera na política. Mas assumiu um papel central no episódio porque, antes de tudo, quis defender a hierarquia e a disciplina na tropa", disse Karla Carloni, que acaba de defender uma dissertação de mestrado sobre o tema.

Acuados, os golpistas rumaram para o Ministério da Marinha e, de lá, embarcaram no Tamandaré rumo a Santos, onde pretendiam montar um governo de resistência com o apoio do governador Jânio Quadros. Além de Carlos Luz, subiram a bordo o deputado federal Carlos Lacerda, considerado o principal líder civil da conspiração, e o coronel Mamede, entre outros.

Mas a trama estava condenada ao fracasso. Agindo mais rápido, Lott determinou que as fortalezas costeiras barrassem o navio, enquanto também ocupava com tropas pontos estratégicos de São Paulo e Santos. O navio conseguiu passar - o tiro mais próximo atingiu a água, a 50 metros do Tamandaré - mas teve de retornar ao Rio. Luz foi destituído pelo Congresso, que empossou no seu lugar o vice-presidente do Senado, Nereu Ramos. Estava garantido o caminho para a posse de JK, cerca de dois meses depois.

Peter Drucker morre aos 95 anos nos EUA

Peter Drucker, autor de livros e artigos sobre administração, empreendedorismo e estratégias para lidar com um mundo em desenvolvimento, faleceu ontem, aos 95 anos.

Drucker morreu de causas naturais em sua casa em Claremont, perto de Los Angeles, nos Estados Unidos.

O autor era considerado o pai da administração moderna e foi um dos primeiros a reconhecer que funcionários dedicados e motivados eram vitais para o sucesso de uma empresa. Ele defendia também que marketing e inovação deveriam vir antes das preocupações com finanças.

As técnicas de motivação de Drucker já foram usadas por executivos das maiores empresas dos Estados Unidos, como Intel e Sears Roebuck.

Drucker recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade, a maior condecoração civil dos EUA, do presidente George W. Bush, em 2002.

Peter Drucker – 1909-2005

O economista que transformou as técnicas de motivação e influenciou a Intel, Microsoft e Sears

Traduzimos e publicamos, na íntegra, o texto que recorda a vida e a obra de Peter Drucker, publicado no jornal espanhol ***El País***, 13-11-05.

Peter Drucker, considerado o pai da teoria da gestão corporativa moderna, faleceu na sexta-feira, dia 11-11-05, a uma semana de completar 96 anos de idade, na sua residência de Claremont, nos subúrbios de Los Angeles. Autor de numerosos livros e professor, o economista político, nascido em Viena, Áustria, em 1909, recebeu, há três anos, com a medalha da Liberdade, o reconhecimento de suas técnicas nas estratégias das empresas gigantes de Wall Street como a General Electric, Intel ou Microsoft, e por seu prestígio mundial.

Essa mesma medalla presidencial foi recebida, nesta semana, pelo presidente do FED, banco central americano, Alan Greenspan, o guru da política monetária nos EUA.

Drucker, que faleceu de causas naturais, era conhecido como O Ecologista Social. Cursou os seus estudos em Frankfurt, Alemanha, e, em 1933, emigrou para o Reino Unido, onde começou a desenvolver suas teorias de gestão. Na sua visão da realidade corporativa, as empresas eram um conjunto de seres humanos e seus empregados uma inversão e não como um custo ou simples máquinas.

Isso o levou a ser o primeiro a instar os grandes dirigentes empresariais a chegar a acordos com os seus subordinados sobre os objetivos da corporação, porque considerava que na interação com os empregados está a fonte do êxito da companhia. Tudo isso se constituiu grande desafio para os sindicatos.

Grandes empresas, como GE, Intel, Microsoft ou Sear, utilizaram suas técnicas de motivação, que fizeram com que Drucker fosse aclamado em todo o mundo como "o maior pensador em gestão do nosso tempo", segundo a revista Business Week.

A General Motors, o maior fabricante de carros do mundo, pediu-lhe, em 1943, que estudasse sua estrutura corporativa. Isso o levou a publicar, três anos depois, sua primeira obra: Conceito da Corporação, na qual introduziu uma mudança radical sobre o conceito de "comando e controle". Suas teorias sociais e de gestão, recolhidas em mais de 30 livros e milhares de artigos – considerada um guia da economia do século XX -, também trazem uma ênfase especial na inovação e na mercadotecnia, para que as empresas possam adaptar-se a uma realidade que muda rapidamente.

Este pioneiro "da teoria da direção mais famoso do mundo", como o reconheceu o próprio George Bush, ao lhe conceder a medalha presidencial em 2002, foi campeão na aplicação dos conceitos de privatização, a gestão de objetivos e a descentralização dos processos de tomada de decisões. São princípios ou conceitos que, à primeira vista, podem parecer simples, mas que na realidade são profundos e poderosos, como assinala Jack Welch, ex-presidente da GE, onde Drucker exerceu o papel de consultor e à qual deve o seu êxito como empreendedor. Igualmente, Bill Gates reconhece a influência do prestigioso economista no êxito da Microsoft.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Sem consenso, cúpula fracassa e anuncia morte antecipada da Alca

A 4.º Cúpula das Américas encerrou ontem com o anúncio da morte da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A notícia é do jornal O Estado de S. Paulo, 6-11-05. A polarização nas discussões sobre a retomada desse processo, estagnado há 20 meses, manteve-se nos tensos debates travados pelos presidentes dos 34 países ao longo de mais de três horas. Diante da impossibilidade de construir um parágrafo de consenso sobre a Alca que pudesse refletir as posições em confronto, a reunião de Mar del Plata terminou com uma debandada antecipada de chefes de Estado, entre os quais o primeiro foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Coube aos principais negociadores dos 34 países o desafio de concluir uma declaração morna e acanhada no seu principal tópico, a Alca, e de disfarçar o fracasso da cúpula.

Chávez, eufórico: "A Alca morreu! A Alca morreu!"

"Fomos para Mar del Plata como cinco mosqueteiros e triunfamos no duelo", afirmou Hugo Chávez, presidente da Venezuela, descrevendo, segundo o jornal argentino Clarín, 6-11-05, as cinco horas de negociação dos presidentes dos países do Mercosul e ele mesmo para encontrar um consenso no documento final da Cúpula das Américas. Segundo Chávez, o grande derrotado foi o presidente dos EUA: "O homem foi golpeado. Vocês não viram a cara dele? O grande derrotado foi Mister George "dableiú" (W) Bush e por isso foi embora antecipadamente", assegurou, entre os risos dos seus ministros que o acompanhavam. "Peleamos duramente e triunfamos", afirmou Chávez. E concluiu: "A Alca está morta. A Alca está morta!"

"Demonstramos que o Mercosul é forte", afirma Néstor Kirchner

O presidente Néstor Kirchner caracterizou como "duro" o debate que se produziu na IV Cúpula das Américas e assegurou que "se peleou com dignidade até o último momento", em relação ao rechaço do Mercosul frente às fortes pressões dos EUA e México para ressurgir a Alca. A notícia é do jornal Clarín, 6-11-05. Segundo o presidente, "foi demonstrado que o Mercosul está forte". Esta afirmação de Kirchner buscou refletir que, apesar das diferenças entre a Argentina e o Brasil, e alguns curto circuitos com Paraguai e Uruguai, o bloco regional tem capacidade para resistir -mais ainda com a Venezuela - embates com os EUA e os países que se somaram à área de livre comércio promovida pela diplomacia de Washington.

Relação com EUA está no melhor momento, diz Lula

Os presidentes Lula e Bush trocaram elogios nas declarações à imprensa depois do encontro na Granja do Torto. Segundo Lula, "equivocaram-se redondamente" os que imaginaram que sua eleição produziria "deterioração das relações" entre Brasil e EUA. "Ao contrário, nossas relações atravessam um de seus melhores momentos. As relações econômicas e comerciais se ampliaram e nosso diálogo político ganhou qualidade superior", afirmou, em discurso lido. Já Bush, falando de improviso, elogiou a "franqueza" do anfitrião e se disse impressionado com as formas econômicas e políticas pelas quais o Brasil passou. A notícia é do jornal O Estado de S. Paulo, 7-11-05.

Nunciatura veta D. Luiz Cappio como pregador do retiro da CNBB

A coluna de Ancelmo Gois, publicada no jornal O Globo, 7-11-05, informa: "O Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri, vetou um convite para o bispo Luiz Cappio - aquele da greve de fome contra a transposição do São Francisco - pregar durante o retiro de 500 padres de todo o país em fevereiro, em Itaici, São Paulo".

"Nós vamos começar a obra da transposição do Rio São Francisco", afirma Lula

"Em um país com mais de 180 milhões de habitantes não se pode deixar que alguém faça um protesto. Temos dezenas de bispos que divulgaram notas condenando a atitude do bispo que fez greve. Não são muitos os que sabem o que significa uma mãe carregar uma lata d´água na cabeça por quilômetros todos os dias. Vamos levar a água. Faço esta promessa por uma necessidade: estamos levando apenas 1% da água do São Francisco. Nós vamos começar esta obra". A afirmação é de Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República, no programa Roda Viva, segundo noticia o jornal Valor, 8-11-05.

Somente sabemos falar com o fogo

Numa reportagem publicada no jornal Le Monde e traduzida, hoje, no jornal espanhol ***El País***, 8-11-05, vários jovens, filhos de imigrantes, de um subúrbio de Paris, asseguram que queimam os automóveis porque não tem outra saída. "É uma desgraça, mas não temos outra saída", afirma o jovem Rachid. "Se um dia nos organizarmos teremos granadas, explosivos, Kaláshnikov... Aí nos encontraremos na Bastilha e será a guerra", ameaçam. Nada indica que sejam manipulados. Até o momento, a banda dos 112 somente atua no seu bairro: a "organização" parece mais um grupo de amigos do que um grupo bélico. "Temos mais revolta que ódio", declara Youssef, 25 anos de idade, o mais velho do grupo.

Festa da banca

Da coluna de Ancelmo Gois, jornal O Globo, 11-11-05: "Lula gosta de comparar seu governo ao de FH. No caso do lucro dos bancos, a comparação "favorece" o PT. Na

era tucana, os 1.408 bancos brasileiros lucraram R$ 5,7 bi por semestre, em média. É muita grana. Mas, com Lula lá, a média semestral pulou para R$ 18,5 bi. Ou seja: 3,2 vezes mais. O estudo foi feito pelo economista José Roberto Afonso com base nos dados do site do BC."

O estilo discreto de Bento XVI intriga cada vez mais o Vaticano

Sob este título o jornal francês Le Monde, 12-11-05, publica um artigo de Henri Tincq, vaticanista, sobre os primeiros meses do pontificado de Bento XVI. Bento XVI presidiu, ontem, dia 13-11-05, na basílica de São Pedro, a beatificação de Charles de Foucauld (1858-1916), fundador dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus. Assim como fez quando da beatificação do bispo von Galen, alemão que se destacou na luta contra o nazismo, o Papa fará uma breve aparição no final da cerimônia e dirigirá algumas palavras à família espiritual de Foucauld e à França. Segundo o jornal, depois de sete meses de pontificado, Bento XVI permanece um enigma. Talvez ele queira sublinhar a diferença com seu antecessor, cultivar a discrição, mostrar que ele quer tomar o pulso da situação sem se deixar influenciar por outros. Roma espera por decisões que ordinariamente um novo papa toma: a nomeação de um secretário de Estado, uma profunda reforma da Cúria, uma carta-encíclica traçando as linhas básicas do pontificado, criação de cardeais... Para o jornal, o novo Papa não abre mais as portas do palácio para almoços com os visitantes. Isso se tornara um meio privilegiado de acesso a seu predecessor como também uma fonte de acesso aos peregrinos polacos. O novo Papa recebe poucas pessoas, salvo os bispos que visitam Roma, aos quais escuta longamente. Ele reflete, escreve, trabalha, asseguram as pessoas próximas a ele, mas de maneira solitária. Ele não recebe mais estes grupos de orientação mais ou menos duvidosa que, no tempo de João Paulo II vinham ao Vaticano buscar uma caução. "Respira-se melhor", dizem alguns funcionários da secretaria de Estado, que já não estão mais sob pressão. Os observadores, segundo o Le Monde, comparam este início de pontificado ao de João XXIII (1958-1963), igualmente secreto e insensível, sob sua jovialidade natural, aos grupos de pressão, antes de anunciar, para a surpresa de todos, um novo concílio. Haverá uma encíclica de início de pontificado? Mesmo as pessoas mais próximas dizem ignorar o tema. Elas somente sambem que no dia 8 de dezembro, dia do 40º aniversário do concílio Vaticano II (1962-1965) o ex-cardeal Ratzinger poderia publicar um "texto forte" sobre o Cristo, a verdade e a fé. Mas na televisão polonesa, no dia 16 de outubro, Bento XVI, numa entrevista concedida a um padre jesuíta, indicou que, mais que esperar por novos documentos, os fiéis deveriam absorver todos os elaborados por João Paulo II. Quanto às viagens, elas serão mais raras e breves. Bento XVI já nomeou um novo organizador dos deslocamentos papais. Pela primeira vez é um leigo, Alberto Gasparri. Ele já avisou que "as viagens de dez dias, terminaram". O novo Papa, que rompe com costumes do seu predecessor, atrai as multidões. Roma inteira observa que ele atrai mais pessoas nas audiências das quartas-feiras ou no Angelus aos domingos, que o final do reino de João Paulo II. Vinte mil pessoas, por dia, visitam a cripta da basílica de São Pedro onde está enterrado o papa polonês. Mas isso não é suficiente para explicar o afluxo. Os peregrinos dizem que foram conquistados pela "simplicidade" do novo Papa. Bento XVI já encontrou um estilo, conclui o jornal.

Frases da semana

Fé cega no mercado

”A fé cega e excludente no mercado faz desaparecer o Estado e avançar a degradação da política” - **Néstor Kirchner, presidente da Argentina, no discurso proferido na 4ª Cúpula das Américas - Clarín, 5-11-05.**

”São os fatos que indicam que o mercado por si só não reduz os níveis de pobreza e são os fatos também que nos provam que um ponto de crescimento em um país, com forte iniquidade, reduz a pobreza em menor magnitude que em outro país com uma distribuição de renda mais igualitária” - **Néstor Kirchner, presidente da Argentina, no discurso proferido na 4ª Cúpula das Américas - Clarín, 5-11-05.**

”Que Fox (presidente do México) se ocupe do seu país porque nós queremos uma integração com justiça”- **Néstor Kirchner, presidente da Argentina - Página/12, 9-11-05.**

”Dá tristeza o entreguismo do presidente Fox, tristeza de verdade. É triste que o presidente de um povo como o mexicano se preste a ser um filhote do império”. **Hugo Chávez, presidente da Venezuela - O Globo, 11-11-05.**

Mensalão é folclore

”Estou convencido que a história do mensalão cheira a folclore” - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - Valor, 8-11-05.**

”Eu acho que Dirceu tem experiência política, e feliz o país que tem um político da magnitude do José Dirceu” - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - Valor, 8-11-05.**

A Alca foi enterrada em Mar del Plata

”Sinceramente, acredito que a Alca está morta e como disse Hugo Chávez, foi enterrada em Mar del Plata” - **Adolfo Pérez Esquivel, premio Nobel da Paz - Página/12, 7-11-05.**

“Bush saiu da Cúpula das Américas, em Mar del Plata, com o rabo entre as pernas” **-Hugo Chávez, presidente da Venezuela - O Estado de S. Paulo, 14-11-05.**

Lula é ético

”Entrei (na prisão) com 10% dos votos, saí com 90% de aprovação” - **Paulo Maluf, ex-governador de São Paulo - O Estado de S. Paulo, 10-11-05.**

”O Lula é ético, não está provado nada contra ele” - **Paulo Maluf, ex-governador de São Paulo - O Estado de S. Paulo, 10-11-05.**

”Acredito que ele (Lula) vá se reeleger porque não tem concorrência. O PSDB não existe. Se for analisar o passado deles (tucanos) vão encontrar coisa pior do que agora” - **Severino Cavalcanti, ex-presidente da Câmara - O Estado de S. Paulo, 14-11-05.**

Gosto não se discute

"Os dois (Bush e Lula) têm boa química, um gosta do outro, qual é o mal que há nisso? Eu gostava do Clinton, ele gosta de Bush. Gosto não se discute..." - **Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República - O Estado de S. Paulo, 9-11-05.**

O Governo Lula avaliado pelo Lula

"Fico olhando o que nós vamos fazer na educação deste país na hora que o Congresso aprovar o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação). Aí o pessoal vai dizer: "puxa vida, mas passou tanto professor pela Presidência e era necessário um metalúrgico para fazer o que deveríamos fazer?"" - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - O Estado de S. Paulo, 11-11-05.**

"Possivelmente todos (meus antecessores) leram muito mais livros do que eu, possivelmente todos eram até mais inteligentes. O que não tinham era ligação sentimental e de coração com os problemas do povo. É uma coisa chamada liga, chamada sangue, porque eu sei o que significa uma escola para uma criança." - Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 11-11-05.

"Em oito anos do governo passado foram criados, em média, 8 mil empregos por mês. A diferença do nosso governo, em 34 meses, é a criação de 105 mil empregos por mês com carteira assinada." - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - O Estado de S. Paulo, 11-11-05.**

Dilma x Palocci

"O Lula presidente fez uma opção pelos ricos, pelos mercados e pelo Palocci. Já o Lula candidato começa a dar indícios de fazer uma opção pelos pobres, pelos investimentos e pela Dilma Rousseff" - **Eliane Cantanhêde, jornalista - Folha de S. Paulo, 11-11-05.**

"Eu não vou permitir que se brinque com a economia" - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - O Estado de S. Paulo, 14-11-05.**

"A defesa da política econômica é consenso, mas até a virtude precisa de limites" - **Marcelo Deda, prefeito de Aracaju – PT - O Estado de S. Paulo, 14-11-05.**

Os governantes se escondem

"Por que os governantes se escondem por detrás das trincheiras? O único que mostrou a cara em Mar del Plata foi Chávez. O resto se escondeu. Eles temem o povo. E com pesar digo que inclusive Lula esteve totalmente escondido quando em outros encontros se podia vê-lo" - **Adolfo Pérez Esquivel, premio Nobel da Paz - Página/12, 7-11-05.**

IHU em revista

eventos pg. 48
carta do leitor pg. 66
ihu repórter pg. 67

Entrevista da *IHU On-Line* é publicada em site italiano

No dia 10 de novembro, quinta-feira, o **Instituto Humanitas Unisinos** foi notícia internacional. Isso porque o site da Editora Queriniana de Brescia, Itália, www.queriniana.it traduziu e publicou a entrevista que a revista ***IHU On-Line*** publicou no n.º 161, de 24 de outubro de 2005, com o teólogo italiano Rosino Gibellini, sob o título *A controvérsia não é a última palavra*.

Esta é a terceira vez que uma entrevista da nossa revista recebe destaque na página desta prestigiosa editora italiana. A nota com o anúncio da entrevista é remetida a uma lista de endereços que se espraia pelo mundo todo, especialmente do mundo teológico.

Para toda a equipe que trabalha semanalmente na elaboração da revista e nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu, esta notícia é um estímulo.

O diálogo e o grupo: uma experiência transdisciplinar na escola

O diálogo e o grupo: uma experiência transdisciplinar na escola foi o assunto apresentado pela Prof.ª Dr.ª Flávia Clarici Mädche, da Unisinos, no **Encontros de Ética** de 7 de novembro. Sobre esse tema, a professora concedeu entrevista à ***IHU On-Line*** na edição 162. Abaixo você confere a opinião de dois dos participantes do evento.

Ecos do Evento

"Uma das coisas importantes desse Encontros de Ética foi o diálogo que estabelecemos entre os participantes, de uma forma aberta entre diferentes saberes com base não somente em teorias, mas na práxis de nosso cotidiano. O diálogo entre arte, corpo, aprendizagem e espiritualidade foi um aspecto que ofereceu muito crescimento. Além disso, é um desafio porque faz com que entremos em áreas diferentes e aprendamos a estar mais disponíveis, num processo de escuta."

Juciane Teixeira, graduada em Educação Física e assessora pedagógica do Programa de Escolinhas Integradas (PEI) da Unisinos.

"Decidi participar dessa atividade porque trabalho numa escola em São Leopoldo assessorando tanto a Diretoria quanto coordenando grupos de pais e professores. Achei que assistiria a uma palestra, mas me surpreendi positivamente, porque a proposta oferecida foi uma autêntica prática interdisciplinar, quando trocamos experiências relacionadas à escola e às experiências de cada participante. Saímos enriquecidos com o que aprendemos um do outro".

Sarita Gisele Rodrigues Brito, estudante da graduação em Psicologia da Unisinos, 7º semestre, e assessora na Escola Especial Estadual Aracy de Paula Hoffmann, em São Leopoldo.

Logoterapia e o sentido da vida

Entrevista com Paulo Kroeff

O próximo **Encontros de Ética** aborda aspectos da logoterapia, sistema teórico-prático de psicologia, criado pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl e mundialmente conhecido com a publicação de seu livro ***Em busca de sentido – Um psicólogo no campo de concentração.*** 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000, no qual expõe suas experiências nas prisões nazistas e lança as bases de sua teoria. O termo grego logos significa "sentido". Uma tradução literal do termo "logoterapia" é "terapia através do significado", diferentemente de "sentido através da terapia", da psicoterapia tradicional. Por que vivo? Tem sentido a minha vida? Tem sentido a vida? Sobreviver para quê? Desse modo, a logoterapia concentra-se, segundo Frankl, no sentido da existência humana, assim como na busca da pessoa pelo seu sentido. A logoterapia é um sistema téorico-prático de psicologia, conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, sendo a Psicanálise Freudiana a primeira e a Psicologia Individual de Adler a Segunda.

O evento do IHU, intitulado **O sentido da vida, segundo a logoterapia de Viktor E. Frankl,** é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) e comemora os cem anos de nascimento de Viktor Frankl. A condução das atividades fica por conta do psicólogo Paulo Kroeff, docente e diretor do Instituto de Psicologia da UFRGS. Kroeff é graduado pela PUCRS e especialista em terapia de casal e família pela Universidad Pontifícia Comillas, de Madrid, Espanha. É mestre em Educação pela Georgia State University, Atlanta, EUA, e doutor em Psicologia pela Universidad Autônoma de Madrid, Espanha, com a tese *Afrontando la enfermedad y la muerte: una investigación em pacientes com cancer*. A atividade é aberta a toda comunidade acadêmica e está marcada para as 17h30min do dia 21 de novembro, segunda-feira. Confira aqui a entrevista realizada por e-mail com o psicólogo.

***IHU On-Line* - Como foi possível criar a Logoterapia num contexto tão sombrio quanto o vivido por Frankl?**

Paulo Kroeff – Acredito que o ambiente sombrio a que se refere a pergunta estaria relacionado com o fato de Frankl ter sido sobrevivente de vários campos de concentração nazistas, incluindo Auschwitz e Dachau, de 1942 a 1945, durante a II Guerra Mundial. É importante ressaltar que Frankl já havia desenvolvido a sua teoria antes de ser aprisionado. Ele já havia publicado diversos artigos nos quais vinha apresentando e desenvolvendo os conceitos da Logoterapia. Conforme Frankl revela em seu livro Em busca de sentido – Um psicólogo no campo de concentração, havia inclusive um manuscrito pronto, que seria o seu primeiro livro, o qual já continha praticamente todos os elementos básicos da Logoterapia. Este manuscrito lhe foi confiscado no campo de concentração, sendo posteriormente reescrito, taquigraficamente, em pequenos pedaços de papel, no próprio campo de concentração, e publicado após a guerra. Reescrever este livro, diz Frankl, ajudou-o a sobreviver à terrível experiência do campo de concentração, pois queria dar ao mundo este "filho espiritual", já que não havia tido, até aquela época, nenhum filho biológico. Corroborando o afirmado acima, quando Frankl esteve pela primeira vez Brasil, em 1984, para I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial, em Porto Alegre, ele foi muito enfático ao responder a uma pergunta de um repórter, na qual era pressuposto que a Logoterapia teria sido criada com base na experiência dos campos de concentração. Frankl respondeu de forma definitiva que a Logoterapia havia sido elaborada antes desta época e que aquela terrível experiência de horror humano havia servido como "campo de provas" para demonstrar o acerto e a validade dos conceitos propostos pela Logoterapia.

***IHU On-Line* - De que modo a Logoterapia pode ajudar na busca de sentido da existência humana na época em que vivemos e em situações limítrofes como doenças terminais e guerra?**

Paulo Kroeff – Precisamos ter presente que a Logoterapia é, primeiramente, uma escola de psicoterapia, ou seja, uma forma de trabalhar as dificuldades psicológicas e existenciais das pessoas. Além de outras problemáticas, a Logoterapia seria a terapia específica para pessoas que estariam se debatendo com a questão do sentido da vida. Uma das contribuições mais significativas da Logoterapia é já sua visão antropológica, ou seja, sua forma de conceber o ser humano, o qual é visto como livre e responsável, tendo como força motivadora básica a realização de sentidos em sua vida, os quais podem ser alcançados por meio de uma obra criativa, das experiências de encontro com as outras pessoas e nas vivências do mundo, ou pelo valor de atitude. Diante de uma situação extrema como uma doença terminal, resta o que Frankl chama a última das liberdades humanas, que é o valor de atitude, a forma de posicionar-se ante situações que não podemos modificar. A morte é parte inerente da existência humana, aparentemente antecipada pela doença terminal. A finitude da existência não lhe tira o sentido, portanto, seu valor. Quanto à guerra, ela é a conseqüência evitável da inabilidade humana em solucionar conflitos de outras formas. Em geral, é o resultado de valores eticamente questionáveis ou a negação dos valores.

Algo a acrescentar, para evitar eventuais mal-entendidos, que Frankl fazia questão de apregoar, é que a Logoterapia não é uma panacéia. Não é

solução para todos os males do mundo. Dá sua contribuição, como campo de saber, mas a busca de soluções para temáticas complexas como doenças terminais e guerra tem que ser feitas mediante esforços conjuntos de muitas áreas, organizações, governos e, principalmente, de pessoas.

***IHU On-Line* - Em que sentido a Logoterapia é uma solução para o niilismo prenunciado por Nietzsche?**

Paulo Kroeff – A Logoterapia, com sua afirmação de que a vida sempre tem possibilidades de sentido, mesmo nas situações mais extremas, e com sua crença na capacidade humana de superar ou tolerar adversidades, é uma escola psicoterapêutica que se antagoniza com visões niilistas. Frankl não concorda com afirmações de que a vida humana é absurda e que há um vazio existencial que precisa, simplesmente, ser suportado, pois faz parte da vida. Vazio e frustração existenciais fazem parte da vida, sim, mas podem ser ultrapassados quando a pessoa encontra valores significativos a realizar em sua vida.

***IHU On-Line* - Existem relações entre o existencialismo e a Logoterapia? Em que medida a Logoterapia confronta-se com o determinismo?**

Paulo Kroeff – Frankl situa a vertente existencialista como uma das fontes inspiradoras da Logoterapia por lidar com questões inerentes à existência humana, como a morte, a culpa, o sofrimento, a liberdade, a solidão, a sensação de vazio e o sentido da vida. Quanto ao determinismo, Frankl se opõe ao que ele chama de pandeterminismo, ou seja, à crença de que tudo é determinado. O primeiro pilar da logoterapia refere-se à "liberdade da vontade", à crença de que o ser humano é livre para construir sua vida de acordo com valores que lhe são significativos, sendo suas metas escolhidas livremente. Frankl não nega os condicionamentos biológicos, psicológicos e sociológicos que podem limitar a liberdade do ser humano, mas se nega a aceitar que o ser humano seja somente um conjunto reflexo ou aprendido de respostas a estes condicionamentos. Ele é "muito mais do que" isso. Dentro das limitações que os condicionamentos nos criam, sempre há espaços de liberdade que podem ser exercidos.

***IHU On-Line* - Qual é o valor de atitude na logoterapia?**

Paulo Kroeff – Frankl afirma que a vida sempre mantém possibilidades de sentido, mesmo diante do que ele chama a tríade trágica, nosso embate com o sofrimento, a culpa e a morte. É o valor de atitude que permite manter o sentido da vida ou encontrar novos sentidos, às vezes, mudando a nós mesmos, quando mudanças externas são impossíveis. Nossa atitude perante o sofrimento que não podemos afastar pode trazer crescimento interior. A culpa pode servir de incentivo para um exame mais cuidadoso de nossas ações, e a transitoriedade da vida pode ressaltar a importância de ações responsáveis. Quando o exterior não pode ser mudado mantêm-se as possibilidades de mudanças internas.

***IHU On-Line* - De que forma a arte, como justificação metafísica da existência, e a religião podem ser conciliados com a Logoterapia?**

Paulo Kroeff – Não há quaisquer contenciosos da Logoterapia com a arte e a religião, que necessitariam ser conciliadas. A arte estaria nos "valores de vivência" da Logoterapia, que proporcionariam experiências ao ser humano que poderiam dar significado à sua vida. Frankl propõe, inclusive, imaginar um amante da música que

estivesse escutando sua sinfonia predileta e a quem lhe perguntassem se ele considerava a vida significativa. Frankl antecipava que esta pessoa, provavelmente, responderia de forma positiva, pelo deleite artístico que encontrava na música. Fernando Pessoa, em um de seus poemas, traz um outro exemplo de valor de vivência. Diz ele: "Acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido". Quanto à religião, a Logoterapia não tem a visão de alguns teóricos existencialistas ou psicológicos de que a religião seria a sublimação de energias ou que seria explicada por experiências infantis ou que seria uma defesa contra as fragilidades humanas. A Logoterapia simplesmente reconhece como válida esta área de interesse humano, não a considerando um epifenômeno. Considera possível, inclusive, que algumas pessoas possam ver a religião como uma experiência que dê sentido às suas vidas. Não considera, porém, isso generalizável para todos, nem necessário para encontrar o sentido da vida, pois os valores escolhidos e os sentidos a realizar são opções individuais intransferíveis.

***IHU On-Line* - Gostaria de destacar algum aspecto que não questionamos?**

Paulo Kroeff – Talvez um aspecto a ressaltar é que Frankl não propõe sentidos definitivos para a vida, nem sentidos gerais, que serviriam para todas as pessoas. O sentido da vida, e a resposta a esta questão que a vida nos apresenta, é pessoal, individual. Cada pessoa tem as suas perguntas a responder, a partir de suas circunstâncias, de suas vivência e de seus valores. Frankl simplesmente afirma que sempre é possível descobrir sentidos para a vida, mas estes sentidos têm que ser encontrados, e seguidamente renovados, por cada pessoa, em diferentes momentos de sua vida. Frankl propõe caminhos pelos quais podemos buscar respostas à nossa ânsia por sentido, mas não há respostas nem garantias definitivas.

I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo

Dia 10 de novembro, das 14 às 17h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, ocorreu a atividade de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia.** Tratou-se da palestra *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo,* sob a responsabilidade do Prof Dr Antonio Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo (USP). O obra ***A ética protestante e o "espírito" do capitalismo***, de Max Weber (1864-1924) serviu como base para a discussão. A

respeito do tema, o Dr. Pierucci concedeu uma entrevista à edição 164 da ***IHU On-Line***. Confira as opiniões de quem assistiu ao evento.

Ecos do Evento

"Fiquei especialmente interessado no aspecto trazido pelo Prof. Pierucci sobre a relação entre o protestantismo e o desenvolvimento do sistema capitalista, de como se deu essa dinâmica no pensamento de Weber. Para mim foi uma novidade e acredito que essa discussão trouxe-me diversos conhecimentos novos".

Rômulo Viana Clezar, aluno da graduação em Economia, na Unisinos, 6.º semestre.

"Para mim, o que ficou de mais marcante foi a idéia do quanto uma ética religiosa pode influenciar a economia. Além disso, trazer à discussão na Economia um pensador como Max Weber, da área de sociologia, foi inovador e demonstra a importância da conexão entre os diferentes campos do conhecimento".

Kátia Milena Fauth, aluna da graduação em Economia, na Unisinos, 7.º semestre.

IHU Idéias

Diversidade religiosa à brasileira

Antônio Flávio Pierucci, docente na Universidade de São Paulo (USP), palestrou no **IHU Idéias** sobre *Diversidade religiosa à brasileira*, na última quinta-feira, 10 de novembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Ele concedeu entrevista à edição 164 da ***IHU On-Line,*** onde adiantou aspectos sobre sua conferência. Além dessa entrevista, Pierucci falou à ***IHU On-Line*** 101 sob o título *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, a respeito de Max Weber. Dele, também publicamos o artigo *O retrovisor polonês* na ***IHU On-Line*** nº 136, e uma entrevista na 159ª edição da ***IHU On-Line*** sobre a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio.

Mídia digital e universo acadêmico

Entrevista com Hiliana Reis

Mídia digital e universo acadêmico é o tema a ser exposto em 17 de novembro pela Prof.ª Dr.ª Hiliana Reis, diretora adjunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. O assunto é um desdobramento do projeto de pesquisa que ela desenvolve na área de Ciências da Comunicação, na Unisinos, onde também leciona. Para participar do **IHU Idéias**, basta comparecer à sala 1G119 do IHU, às 17h30min. A entrada é franca.

Hiliana é graduada em Pedagogia pela PUC-SP, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela USP e pela Universidad Autônoma de Barcelona, Espanha, respectivamente, com a tese *Ampliación de los procesos comunicativos en la enseñanza a distancia: análisis de tres modelos de tutoria*. Confira a entrevista que a professora concedeu por e-mail.

***IHU On-Line* - Quais são os usos sociais que os estudantes estrangeiros em intercâmbio no Rio Grande do Sul fazem das ferramentas da mídia digital?**

Hiliana Reis - A sua pergunta é interessante porque remete a alguns equívocos que cometi ao elaborar o projeto de pesquisa Migrações, interculturalidade e universo acadêmico: usos sociais da mídia digital, e que está em fase final de elaboração. Como não tinha proximidade com as questões legais, inicialmente abordei o tema, usando os termos "estudantes estrangeiros" em "regime de intercâmbio". Entretanto, em consonância com os objetivos propostos pelo estudo de casos28, o diagnóstico de situação, permitiu-me aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo e acrescentar novos significados aos conhecimentos existentes sobre o assunto. A partir de 1998, por uma deliberação do Ministério das Relações Exteriores, o estudante estrangeiro passou a ser denominado estudante internacional. Por outro lado, embora comumente se utilize o termo intercâmbio para designar a mobilidade estudantil, o MEC oferece diferentes modalidades de programas interinstitucionais ou acordos entre países, de caráter técnico-científico-cultural, que contemplam diferentes especificidades e normatizações. Entre as ofertas, há uma modalidade conhecida como Estudante Intercâmbio em que alunos de universidades brasileiras e estrangeiras são admitidos em outra instituição, que não a de origem, e constitui-se como complementação de estudos, por um período que não exceda a dois semestres. Além dessa modalidade, há outras como o Programa Estudante Convênio Graduação (PEC-G) e o Programa Estudante Convênio Pós-Graduação (PEC-PG). Entretanto não há uma unanimidade no uso dos termos, como pude verificar. Por exemplo, na Unisinos, denomina-se oficialmente como estudante convênio o aluno que atende às especificações do aluno intercâmbio, porque resultam de convênios e parcerias interinstitucionais. Retomando a sua questão, como utilizo um referencial teórico fundamentado nos estudos de recepção[29], pude observar que é do lugar de estudantes universitários internacionais que a amostra analisada utilizava as ferramentas e os conteúdos disponibilizados no ciberespaço. O fato de serem estudantes universitários cria necessidades de uso do computador para digitação de textos, mas, sobretudo, para buscas em bancos de dados sobre temas ligados às disciplinas, e em maior grau, às pesquisas. Há uma nítida separação entre os usos que os estudantes do ensino secundário e universitário realizam e, entre estes, há um grande salto qualitativo entre os estudantes que participam de grupos de pesquisa e os demais. Os estudantes de doutorado utilizam muito mais os sites de conteúdos específicos de seus objetos de pesquisa, especialmente o da Capes, interagem com certa freqüência com pesquisadores de

[28] Ary, Jacobs y Razavieh, 1987:308. (Nota da entrevistada)

[29] SOUSA, 1995, 2000; MARTÍN-BARBERO, 1993, 1995; 1998. (***Nota da entrevistada***)

outros países e, dependendo da área, buscam mais textos em inglês. Embora todos dêem preferência aos textos de sua língua materna, os estudantes das áreas de humanas fazem poucas incursões em textos em inglês ou francês, ao contrário dos estudantes de áreas técnicas, medicina, engenharia e biologia, cujas pesquisas de ponta são realizadas nos países com maior potencial de investimento em pesquisa, como por exemplo, Estados Unidos, Japão, Inglaterra e cujos textos são publicados em inglês. Portanto, do ponto de vista dos usos sociais das tecnologias, nota-se uma diferença qualitativa à medida que avançam nos níveis de ensino, mas também diferenças entre as áreas de conhecimento.

Além disso, o fato de serem estrangeiros, vivendo em um outro país, acrescenta uma outra necessidade de uso das ferramentas para se comunicarem com amigos e parentes de outros locais. Aí também a pesquisa revela dados interessantes. O e-mail passa a ser uma ferramenta indispensável, inclusive pelo baixo custo e rapidez, para trocas de mensagens particularizadas, de caráter intimista, entre amigos e entre familiares. Entretanto, pude observar que as mães, via de regra, dependem dos filhos e dos maridos para usarem o computador e a internet. Outro dado que foi bastante relevante na pesquisa foi a exclusão digital que ainda recai sobre as famílias africanas e algumas etnias latino-americanas. A desigualdade socioeconômica é uma realidade comum aos dois continentes e torna-se muito visível nas disparidades de uso e de acesso às mídias digitais. E sobre essa questão, há que acrescentar o alto índice de analfabetismo presente, sobretudo, na África, que exclui uma grande porcentagem de sua população do acesso aos benefícios tecnológicos. O que nos faz repensar e tratar com muito cuidado os alardeados benefícios e a decantada democratização dos processos de comunicação. Ao mesmo tempo, essas análises demonstram a importância e a relevância dos acordos que o Brasil mantém com os países da América Latina e da África.

***IHU On-Line* - Como as experiências interculturais afloram nesse contexto e qual seu impacto no processo comunicacional?**

Hiliana Reis - Sobre esse tema, há algumas questões interessantes. Como os estudantes de doutorado interagiam com relativa freqüência com pesquisadores de outras nacionalidades, observaram algumas características de comportamento presentes nas interações virtuais. Os japoneses, por exemplo, foram descritos como muito delicados e cuidadosos nas suas exposições. Passam a impressão de que escolhem bem as palavras para não serem indelicados ou mal-interpretados nas interações on-line, ao contrário de internautas de outros países, que são mais diretos, e, algumas vezes, até deixam transparecer uma certa agressividade. São estéticas de sensibilidade ou comportamentos éticos, passíveis de serem observados, que interferem nas interações pessoais realizadas no ciberespaço.

Ao contrário do que se poderia supor, as dificuldades de uso da mídia, sob o ponto de vista semântico, foram trazidas pelos africanos de língua portuguesa e não pelos hispânicos. Ao entrarem em blogs de jovens aficionados à Internet, desconheciam muitos termos específicos utilizados pelas tribos, que causam estranhamentos aos neófitos. As duplas interpretações sobre um termo, sobretudo, os de caráter sexual, também foram apontadas como uma das dificuldades de uso. Isso põe em relevo a dinamicidade da cultura midiática, que incide nos diferentes usos da linguagem e

na construção de novas formas de interação comunicacional. Além disso, foi possível observar que as definições de intracultural e intercultural, quando analisadas em processo, não se sustentam. São conceitos fluídos que se interpenetram no cotidiano das práticas culturais, que permitem outras formas de análise e a proposição de novos conjuntos. Se considerarmos a variável língua portuguesa, tanto os africanos de língua portuguesa como os brasileiros, pertencemos à categoria intracultural, mas, do ponto de vista dos idiomas nativos, dos costumes, da história, da localização geográfica etc., somos interculturais e multiculturais. Vale ainda mencionar a formação híbrida da nossa constituição. Tanto em relação aos latino-americanos de fala hispânica, como em relação aos africanos, temos muitas aproximações identitárias, seja pela história de colonização, seja pela hibridização étnica que nos configura e até mesmo lingüística, que muito deve às culturas indígenas e africanas. Aliás, ainda que a qualidade do ensino e da pesquisa tivessem sido fatores determinantes pela escolha das universidades brasileiras, as identificações culturais e lingüísticas com o País e com o Rio Grande do Sul também pesaram na seleção da amostra. Um outro aspecto muito ressaltado na pesquisa foi a importância que o grupo delega às informações pessoais obtidas por meio das pessoas que confiavam e com as quais se identificavam. E mesmo os poucos estudantes que utilizaram a mídia digital para obter informações sobre as universidades brasileiras ressaltaram a importância das respostas personalizadas às questões que enviaram, ou seja, a intermediação de funcionários e de professores.

***IHU On-Line* - Quais as mudanças que a mídia digital propõe entre produtores e receptores? Como a comunicação pode se apropriar dessa realidade para potencializar seus resultados?**

Hiliana Reis - Como a pesquisa foi realizada com estudantes internacionais africanos e latino-americanos, vale a pena mencionar que os primeiros, que, em sua maioria, aprenderam a usar o computador no Brasil, mantinham uma rede de comunicação sistemática com amigos e primos que viviam na União Européia e nos Estados Unidos, para os quais repassavam as informações obtidas no ciberespaço sobre seus países. Esse processo é curioso porque a mídia digital propicia um deslocamento do processo tradicional de comunicação. De receptores, passam a emissores, ressignificando as mensagens originalmente enviadas, já selecionadas segundo interesses pessoais.

Com relação à segunda questão, as políticas públicas, sobretudo no âmbito da educação, têm pela frente um grande desafio, que é o de ampliar o acesso e a aprendizagem às tecnologias digitais, cujo uso, no Brasil, ainda é restrito às classes A, B e C, e a uma pequena parcela da classe D. Porém, veja, os usos dependem de outras competências, que dependem de uma educação qualificada. Não podemos separar o acesso às tecnologias e à inclusão digital da inclusão socioeconômica. O modelo perverso de distribuição de renda, ainda dominante, na África e na América Latina, incide também de forma perversa no uso dos bens culturais. Gostaria de ressaltar que a inclusão digital não se faz por decreto e somente com a distribuição de computadores. Os usos sociais dessas ferramentas e conteúdos são regidos por outras lógicas, muitas das quais são extremamente sofisticadas. Uma outra questão interessante, apontada na pesquisa foi a disparidade existente entre as lógicas selecionadas pelos programadores de conteúdos e as lógicas

de busca dos usuários. Perde-se muito tempo para encontrar a informação requerida e, nem sempre, ela é confiável.

***IHU On-Line* - Quais são os aspectos mais modificados pela mídia digital no espaço acadêmico?**

Hiliana Reis - Parto do princípio de que a mídia digital, entendida como o conjunto de conteúdos e ferramentas disponíveis no ciberespaço, tanto pode facilitar como dificultar as dinâmicas do espaço acadêmico. E, nesse sentido, gostaria de ressaltar a importância do "mundo vivido"[30], das práticas sociais e como conseqüência, dos significados que os receptores, sujeitos ativos e produtores imprimem ao utilizá-la. As dinâmicas de uso atendem a uma multiplicidade de interesses relacionados às práticas sociais e culturais. Portanto, chamo a atenção dos administradores de rede, que deveriam pautar-se por critérios extremamente cuidadosos ao implantarem os sistemas teleinformáticos. Temos observado, por exemplo, que as lógicas dos usos de tecnologias adotadas em empresas não coadunam com as lógicas do espaço acadêmico. As tecnologias devem estar a serviço do usuário e não o seu contrário.

***IHU On-Line* - Quanto à produção de conhecimento na universidade, como a mídia digital pode ser aproveitada para sua potencialização e divulgação?**

Hiliana Reis - O potencial da mídia digital é ilimitado, assim como a criatividade dos usuários, portanto, as respostas à sua pergunta ultrapassam o espaço que me foi dedicado. Entretanto, gostaria de ressaltar que, assim como alguns dos meus entrevistados, uma parte significativa dos nossos alunos, da população brasileira, latino-americana e, sobretudo, africana, não tem computador em casa ou acesso à internet. A amostra que entrevistei dependia dos computadores da universidade para usar a internet, devido ao custo. Ainda que seja uma mídia barata, esses estudantes não dispunham de recursos financeiros para utilizá-la em casa. Dependiam dos computadores da universidade. Portanto, a ampliação dos laboratórios para os estudantes, nos vários níveis de ensino, torna-se crucial para ampliar o acesso e as formas de uso do ciberespaço. Sobre essa temática, as queixas dos estudantes da UFRGS se sobrepuseram às dos estudantes da Unisinos. Apesar do parque informático da Unisinos haver sido elogiado, inclusive por estudantes da UFRGS, o número excessivo de estudantes nos horários de pico dificulta o uso do computador. Os da UFRGS reclamaram da obsolescência de uma boa parte dos computadores daquela instituição, o que também incidia na demora para baixar os conteúdos que lhes interessavam. As universidades, sobretudo nos países periféricos ou emergentes, precisam estar atentas ao baixo poder aquisitivo dos seus estudantes. As instituições escolares cumprem uma importante função social, à qual se acrescenta o desafio de responder à inclusão digital.

***IHU On-Line* - Gostaria de acrescentar algum aspecto que não questionamos?**

Hiliana Reis - A minha pesquisa, ao centrar-se na análise dos usos sociais da mídia digital, permitiu explorar diferentes aspectos do contexto cultural e identitário de estudantes latino-americanos e africanos, assim como questões referentes às políticas públicas, mas deixarei para abordá-los na palestra que apresentarei no IHU, na próxima quinta-feira.

---

[30] HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madri, Taurus, 1987. (Nota da entrevistada)

O Concílio Vaticano II e seus impulsos para o diálogo inter-religioso

Dia 10 de novembro, das 19h30min às 22h, aconteceu, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a última palestra do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II: marcos, trajetórias e prospectivas.** A Prof.ª Dr.ª Cleusa Maria Andreatta, docente na Unisinos e na Unilasalle, falou sobre o tema *O Concílio Vaticano II e seus impulsos para o diálogo inter-religioso.* Conheça a opinião de dois participantes do Ciclo.

Ecos do Evento

"Sobre o evento em geral, foi muito importante em função da oportunidade de discutir um tema que nos diz respeito como indivíduos e, também, membros da sociedade. O Ciclo caminha no sentido de pensar a Igreja hoje. Na palestra feita pela Cleusa, alguns pontos que destaco são o pluralismo religioso e a abertura a um diálogo ecumênico, bem como as limitações que a Igreja ainda possui. Mas o que mais chamou minha atenção foi a perspectiva do diálogo entre os homens na união de todas as religiões na construção de reino de Deus".

Maria Cristina Giani, missionária da comunidade Cristo Ressuscitado, São Leopoldo.

"Saliento o grande esforço que existe na nossa igreja e sociedade de encontramos um caminho mais aberto entre o diálogo inter-religioso, e isso foi trazido nesta última palestra. Uma das maiores inquietações é que ainda não há um respeito suficiente entre diferentes credos, pois há um pequeno grupo e, com isso, as coisas ficam centralizadas. A idéia de criar esse Ciclo de Estudos trouxe atualização às pessoas que viveram o Concílio, e novidade para os mais jovens. Penso que foi uma bela oportunidade de discutir um assunto muito atual e, pela grande participação que obteve, o evento foi um sucesso".

Maria Eloni Cozenski, irmã da Divina Providência, coordenadora provincial, Porto Alegre.

Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema

Encerrando as atividades do Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema, o filme *Cruzada,* do diretor Ridley Scott, foi exibido na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Após a exibição do filme, houve o debate, conduzido pelo Prof Dr José Alberto Baldissera. Na edição passada, número 163, a ***IHU On-Line*** publicou uma entrevista que o diretor Ridley Scott concedeu ao repórter Sérgio D'Ávila, da ***Folha de S. Paulo***, em 4 de maio de 2005, bem como uma crítica publicada por Drex Alvarez em seu blog.

Ecos do Evento

"Eu já havia assistido ao filme três vezes antes, inclusive no cinema. Das outras vezes, não achei tão interessante, mas após a análise que fizemos no Ciclo, olhei essa produção de outra maneira. Destaco sobretudo a discussão que estabelecemos sobre as questões históricas, algo que acrescentou muitas informações úteis para entender a Idade Média. O Ciclo, em si, foi muito positivo. Os professores escolhidos demonstraram muito conhecimento sobre os assuntos. Já estou querendo participar da próxima edição desse evento".

Davi Alexandre Tomm, estudante da graduação em Jornalismo, na Unisinos, 3º semestre.

"O assunto Idade Média chama muito minha atenção, tanto que fiz dois cursos sobre o tema neste ano, além da Semana Acadêmica de História. O Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema foi excelente, gostei das intervenções dos professores, sobretudo as realizadas pelo professor Baldissera. Ele sabe muito sobre o que fala. Aprendi aspectos interessantes sobre cinema. Destaco, ainda, a infra-estrutura oferecida pelo Ciclo, que otimizou muito o curso".

Dimas Brasil Schott, estudante da graduação em História da Unisinos, 3º semestre.

"Minha primeira motivação para participar do Ciclo aconteceu por causa do tema histórico, do qual gosto muito. Outro aspecto que me incentivou foi o estudo que faço sobre a questão do tempo, oferecendo assim a chance de pensar a Idade Média sob diferentes anos e a relação do olhar temporal sobre esses períodos. Além disso, houve uma surpresa positiva em relação à profundidade com que os filmes foram discutidos. Esse foi um evento realmente instigante".

Simone Engbrecht, psicóloga e psicanalista.

Semana da Consciência Negra

Possibilitar a formação teológica e a cidadania religiosa dos afrodescendentes, conhecer e aprofundar temáticas que contribuam com a visibilidade da cultura negra e promover oportunidades de aprendizados para a população negra e as demais culturas na Universidade, nas escolas e nos projetos sociais são alguns dos objetivos aos quais se propõe a **Semana da Consciência Negra,** que acontecerá de 14 a 18 de novembro, no Auditório Central da Unisinos, sempre das 19h às 22h.

Além disso, o evento quer oportunizar momentos de reflexões dialogadas com a finalidade de ampliar as discussões e o espaço de construção de conhecimento e respeito à diversidade multicultural.

Promovida pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo (GDIREC), IHU e a Diretoria de Ação Social e Filantropia, a **Semana da Consciência Negra** continua com as inscrições abertas. Basta acessar o sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) no endereço www.unisinos.br/ihu.

Ciclo de Estudos "Desafios da Física para o século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein"

No encerramento das atividades do **Ciclo de Estudos "Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein"** o assunto é *Computação quântica: desafios para o século XXI,* cujo palestrante é o Prof Dr Fernando Haas, da Unisinos. O evento está marcado para 16 de novembro, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.
Haas é graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS, com a tese *Sistemas de Ermakoy Generalizados, Simetrias e Invariantes*. Fez pós-doutorado na Université Henri Poincaré, UHP, França. Na entrevista que concedeu por e-mail à ***IHU On-Line,*** o físico adiantou aspectos de sua palestra, explicando, dentre eles, a diferença entre a computação quântica e clássica e ponderando a respeito dos desafios da primeira em nosso século. Na edição 135, de 4 de abril de 2005, o físico falou sobre *A onipresença transformadora dos princípios quânticos.*

Computação quântica: possibilidades e desafios

Entrevista com Fernando Haas

***IHU On-Line* - Em linhas gerais, o que é a computação quântica e qual o contexto no qual surgiu?**

Fernando Haas – A computação quântica é a arte de processar informação, utilizando regras da física quântica, em contraposição à computação clássica, que é a arte de processar informação, usando as regras da física clássica. Afora por alguns trabalhos pioneiros, a computação quântica tem sido desenvolvida mais fortemente nos últimos dez anos. Isso se deve ao descobrimento de certos problemas que podem ser resolvidos adequadamente por computadores quânticos e que não podem, aparentemente, ser resolvidos eficientemente nem mesmo pelo melhor supercomputador disponível hoje. Além disso, vemos um aumento

de nossa capacidade de manipular sistemas microscópicos, como na nanotecnologia. Estes desenvolvimentos nos dão a esperança de que seja possível fabricar, na prática, computadores quânticos de grande poder de processamento.

***IHU On-Line* - Quais são os principais desafios da computação quântica para o século XXI?**

Fernando Haas – O desafio principal é criar estratégias para fazer funcionar na prática a computação quântica, até agora restrita a simulacros de computadores quânticos, dispondo de um poder de cálculo muito pequeno. Para funcionar adequadamente, um computador quântico precisa de um alto grau de isolamento do mundo externo, e é isso que tem travado a fabricação destas máquinas. Outros desafios envolvem a criação de novos algoritmos quânticos, o que exige pensar de acordo com as normas da física quântica. Isso não é fácil porque estamos acostumados a pensar de acordo com uma intuição que vem da nossa experiência do dia-a-dia, a qual é uma experiência baseada na física clássica.

***IHU On-Line* - Quais as diferenças entre fazer computação do modo tradicional e conforme as regras quânticas?**

Fernando Haas – A computação clássica funciona em termos de objetos exclusivistas. Ou zero, ou um; ou sim, ou não; ou cara, ou coroa; ou colorado, ou gremista, e assim por diante. A unidade básica da informação clássica é o bit, o qual pode adotar os valores zero ou um. Já a computação quântica não necessita desta lógica exclusivista, de modo que os objetos básicos da computação quântica sobrevivem como uma superposição de dois estados. Por exemplo, seria como se uma moeda pudesse assumir simultaneamente os estados cara e coroa. Outro aspecto que só existe na computação quântica é uma forte correlação entre sistemas que estão distantes no espaço. Isso se verifica, por exemplo, no fenômeno do teletransporte, que envolve a transmissão de informação à distância e sem necessidade de nenhum intermediário como uma onda de rádio ou algo semelhante.

***IHU On-Line* - Em quais aplicações a computação quântica é hoje mais utilizada?**

Fernando Haas – Como ainda não dispomos de computadores quânticos com grande capacidade de processamento, muitas das aplicações imaginadas ainda não se concretizaram. Este é o caso, por exemplo, do uso de algoritmos quânticos para quebrar os esquemas de criptografia mais usados atualmente. Só para explicar um pouco, criptografia é a arte de enviar mensagens em código. Por exemplo, na hora de enviar uma informação secreta pela Internet (como uma senha de banco), se utiliza um esquema de criptografia. Pode-se demonstrar que mesmo o melhor supercomputador atual levaria bilhões de anos para quebrar o esquema criptográfico (RSA), que é o mais freqüentemente utilizado. Um computador quântico de médio porte, entretanto, levaria um tempo muito mais acessível. Por isso, há tanto interesse por parte dos departamentos de defesa pelo mundo afora em desenvolver a computação quântica. Por outro lado, concretamente, já existem alguns esquemas para transmissão segura de informação, inviolável a espiões. Estes esquemas se baseiam na teoria da informação quântica e já estão sendo comercializados.

***IHU On-Line* - Qual é a situação brasileira sobre a pesquisa voltada à computação quântica?**

Fernando Haas – Temos pesquisas de projeção internacional, como no caso do grupo liderado pelo professor Luiz Davidovich, do instituto de física da

UFRJ. Trata-se, mais propriamente, de pesquisa sobre informação quântica, envolvendo fenômenos tais como o teletransporte, incluindo avanços teóricos e experimentais. No entanto, aos poucos os departamentos de computação brasileiros estão despertando para a nova realidade, tirando dos departamentos de física a exclusividade no assunto. Por exemplo, o Laboratório Nacional de Computação Científica, no Rio de Janeiro, conta com um grupo de pesquisas sobre algoritmos quânticos. A teoria dos algoritmos, como se sabe, está no arcabouço da teoria da computação e não da física. Espera-se que a colaboração entre físicos e informatas brasileiros permita ao País competir com um mínimo de dignidade nesta área que pode até se tornar central na economia mundial. Quem sabe, sendo otimistas, seja possível contar com maior apoio governamental e de grandes empresas de informática para pesquisas na área no Brasil.

***IHU On-Line* - Que relações podem ser estabelecidas entre a física quântica e a computação quântica?**

Fernando Haas – Na medida em que as regras do jogo na computação quântica são regras quânticas, não faz sentido conceber uma computação quântica sem a física quântica. Entretanto, indo além desta observação meio óbvia, a computação quântica, de certa forma nos ajudou a entender de modo diferente a própria física quântica. De fato, podemos imaginar que a natureza é um grande computador, transformando continuamente o presente no futuro. Já que atualmente a teoria aceita para o mundo natural é a física quântica, podemos interpretar nosso universo como um computador quântico, processando informação, usando regras quânticas.

***IHU On-Line* - De que forma a computação quântica pode auxiliar na pesquisa a respeito da consciência e inteligência artificial?**

Fernando Haas – Uma das questões básicas da inteligência artificial é responder se seria possível construir uma máquina com os atributos de um ser inteligente. Esta máquina haveria de ter capacidade de escolha autônoma, consciência e assim por diante, embora não seja evidente o que chamamos de "inteligência". Caso esta máquina funcionasse seguindo as regras da física clássica, é de se imaginar que os algoritmos envolvidos no seu processamento haveriam de ser tenebrosamente complicados. Da complexidade emergiria a inteligência. Entretanto, é de se questionar se uma máquina determinista poderia ser chamada de "inteligente", e este questionamento seria extensível a nossa própria inteligência como seres humanos. Para os computadores quânticos, há mais espaço para pensar em coisas diferentes, já que as regras quânticas não são totalmente deterministas. Em particular, faz mais sentido imaginar que exista livre-arbítrio num universo quântico, que não é um universo determinista. De um determinado presente, é possível que surjam diferentes futuros, cada um com uma probabilidade.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de abordar a computação quântica no Ciclo de Estudos "Desafios da Física para o Século XXI: uma Aventura de Copérnico a Einstein"?**

Fernando Haas – Einstein foi um dos maiores impulsionadores da mecânica quântica, apesar de ter sido, até o final da vida, um adversário da interpretação padrão que se dá a este ramo da física. Como a computação quântica é inconcebível sem a física quântica, a escolha do assunto da computação quântica dá margem a discutirmos uma possibilidade científica e tecnológica atual aberta pelo legado einsteniano. Ao mesmo tempo, são importantes todas as oportunidades de tentar tornar

acessíveis ao público em geral temas da física moderna.

Sala de Leitura

O Prof. Dr. Valério Cruz Brittos, docente no PPG em Comunicação da Unisinos é o responsável pela condução da **Sala de Leitura,** que, em 18 de novembro, apresentará o livro ***Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia***. A obra é organizada por Valério, Othon Jambeiro e Álvaro Benevenuto Jr., publicada este ano pela Edufba. O **Sala de Leitura** é aberto a toda a comunidade acadêmica e acontecerá das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Confira aqui o artigo que o Prof Brittos escreveu com exclusividade para a ***IHU On-Line***. Ele é professor nas Ciências da Comunicação da Unisinos. Graduado em Jornalismo e Direito pela UCPEL e especialista em Ciência Política pela UFPEL, é mestre em Comunicação pela PUCRS e doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA, com a tese *Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão*. Atualmente, pesquisa sobre televisão, mercado e sociedade: televisão e política pública no Governo Lula. É editor do periódico acadêmico *Eptic On line-Revista Electrónica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación* (www.eptic.com.br) e presidente do Capítulo Brasil da Unión Latina de Economia Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-BR). De sua produção bibliográfica, destacamos ***Recepção e TV a cabo: a força da cultura local***. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001, ***Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado***. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2002, por ele organizado, e ***Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia***. São Paulo: Paulus, 2005, organizado em parceria com o pesquisador César Ricardo Siqueira Bolaño. Valério apresentou o primeiro livro citado no evento **Sala de Leitura**, do IHU, em 20 de junho deste ano, sobre o qual escreveu um artigo, publicado na edição 146 da revista ***IHU On-Line***, dessa mesma data. Ele apresentou também o **IHU Idéias** de 30 de outubro de 2003, com o tema *Produção regulamentação: as barreiras da televisão*. Sobre ele, concedeu a entrevista TV digital mais governo Lula pode resultar em democratização, publicada na 81ª edição do ***IHU On-Line***, de 27 de outubro de 2004.

A televisão brasileira na fase da multiplicidade da oferta

Por Valério Cruz Brittos

A televisão brasileira é hoje uma das maiores indústrias de audiovisual mundiais, graças, em grande parte, ao gigantismo do mercado consumidor nacional, conhecendo-se o baixo rendimento do brasileiro em geral. Trata-se de um setor que tem largo reconhecimento internacional, como

grande exportador de ficção seriada, as telenovelas, diante, especificamente, da posição da Globo, que, se tem perdido espaço relativo no mercado televisivo interno, tem buscado lugares compensatórios por meio de novos negócios, no plano externo (Globo Internacional, canais em Portugal, incremento das exportações) e, em particular, na esfera interna (TV por assinatura, cinema, Internet, entre outros negócios).

O período atual da televisão nacional é denominado por este pesquisador de Fase da Multiplicidade da Oferta, caracterizado pelo aumento do número de canais, gerador de uma maior disputa entre as emissoras e, por decorrência, da popularização das programações. Esta fase é marcada pela introdução de mudanças tecnológicas, como as de TV por assinatura, assim como o ingresso de outros agentes econômicos, muitos oriundos de áreas extracomunicacionais (capitais de ramos industriais tradicionais e financeiros), que passam a investir em mídia, não raro em busca de resultados rápidos, nem sempre concretizados. Para isso contribui o processo de re-regulamentação, que desonera os capitais de maiores encargos.

A alteração na estrutura produtiva do mercado de televisão, com a ampliação da oferta, a inovação tecnológica e a neo-regulamentação, determina a alteração nas estratégias de concorrência. Há um redirecionamento das ações das redes para o segmento popular, o que inclui a abordagem como show da tragédia e pobreza dos mais desassistidos, sob o manto da prestação de serviços (um modelo de produção simples, EM QUE o custo mais alto é o salário do apresentador e tão falado quanto o rádio, mas em que a imagem é fundamental), apresentando o sexo no formato de jogos, retroagindo a fórmulas melodramáticas de fácil aceitação e priorizando o emocional ao tratar as informações. Mas não muda a estrutura de mercado, que segue como oligopólio, embora não tão concentrado e com barreiras mais frágeis.

O balanço da TV brasileira indica um setor atravessado pela produção diversa, especializando-se na telenovela, conquistando audiência massiva, atualizando-se tecnologicamente, participando de associações transnacionais e exportando para mais de 100 países, numa história em que os interesses privados predominam sobre os públicos, diante da forma como o telespectador é usado como ponte para atingir faturamento, a programação molda-se aos propósitos publicitários, a regulamentação é decidida numa articulação vedada à sociedade civil, inexiste controle social sobre o conteúdo e a propriedade é concentrada. Dito de outra forma, seu desenvolvimento e expansão podem ser resumidos à condição de mercado capitalista, onde os movimentos têm em vista a maior rentabilização possível dos atores.

Para atingir esta delimitação, contam a disposição dos capitais para implementar investimentos e os indicadores tecnológicos, assim como o modo e o conteúdo da regulamentação implementada. Em meio a isso, o País discute a implantação da televisão digital terrestre, ficando o anúncio da solução brasileira (que deverá adaptar a tecnologia já existente e criar novos dispositivos) possivelmente para o início de 2006, depois de constantes adiamentos. Sejam quais forem as opções do país, a TV digital será mais um elemento novo a sensibilizar o mercado, colaborando na dinâmica de aceleração de estratégias ágeis para a

conquista dos telespectadores com base em produtos impactantes e sedutores.

As alterações que demarcam a televisão hoje – no Brasil e no mundo – inserem-se na reconfiguração sofrida pelo próprio sistema capitalista, desde o decênio de 70 do século XX. Tal fenômeno relaciona-se com a implantação do neoliberalismo, adotado pela maioria dos países, não obstante com intensidades diferentes. Ocorre uma relação estreita entre ambos, servindo o neoliberalismo como motor criador de condições para a execução mais plena do capitalismo globalizado, por meio de privatizações e desregulamentações. Para estas reordenações, desempenha um papel relevante a inovação tecnológica, conceito que inclui, além das práticas de pesquisa e desenvolvimento, também o ambiente econômico-político que a acolhe e permite desenvolver-se, incluindo Estado, agentes econômicos e consumidores.

A perda de audiência da televisão aberta para a fechada, não se restringe ao Brasil, sendo um fenômeno que, nos anos 90 do século passado, abalou até as grandes redes norte-americanas, ABC, CBS e NBC, as quais, hoje, convivem com outro fenômeno: a perda de espaço para as opções da Internet. No Brasil, contudo, o fenômeno do surgimento de opções de entretenimento surge num cenário em que uma única rede, a Globo, detém uma supremacia descomunal, em número de receptores e faturamento, uma disparidade de participação no mercado não identificada na maioria dos países. Sendo assim, a pressão primeira é sobre a Globo, que, por ter um espaço muito grande, tem mais a perder, inclusive porque sempre teve a audiência com maior participação dos estratos mais altos, mesmo público da TV paga.

Peões e Entreatos. Lula a 30 dias do poder. Documentários na Unisinos

Nos dias 29 e 30 de novembro, o Instituto Humanitas Unisinos promove a exibição e o debate dos documentários ***Peões,*** de Eduardo Coutinho e ***Entreatos. Lula a 30 dias do poder***, de João Moreira Salles.

Peões, de Eduardo Coutinho é um documentário sobre a história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem *souvenirs* das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

O filme foi rodado no período final da campanha presidencial de 2002. De 25 de setembro a 27 de outubro de 2002, a equipe de Entreatos, sob a direção de João Moreira Salles, acompanhou passo a passo a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República. O filme revela os bastidores de um momento histórico por meio de material exclusivo, como conversas

privadas, reuniões estratégicas, telefonemas, traslados, gravações de pronunciamentos e programas eleitorais.

A exibição e o debate dos dois documentários, ***Peões*** e ***Entreatos,*** respectivamente, nos dias 29 e 30 de novembro, se realizarão na sala 1G119, no horário das 16h.

IHU comemora aniversário pelo câmpus da Unisinos

Em continuidade às comemorações dos 4 anos de atuação do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), ocorrerá, de 16 a 25 de novembro, uma exposição itinerante, que percorrerá as diferentes unidades acadêmicas da Unisinos. Esta exposição tem como objetivo divulgar o IHU, sua missão e diferentes publicações e eventos.
A mostra, que funcionará das 8h às 12h e das 17h às 21h, estará durante um dia em cada local, conforme a programação a seguir:

Locais da Exposição Itinerante
Ciências Humanas (posto de atendimento) – 16/11 – quarta- feira
Ciências Exatas e Tecnológicas (Happy Station) – 17/11 – quinta-feira
Ciências da Comunicação (posto de atendimento) – 18/11 – sexta-feira
DCE – 21/11 – segunda-feira
Ciências Jurídicas (entre o posto de atendimento e auditório) – 22/11 – terça-feira
Ciências Econômicas (posto de atendimento) – 23/11 – quarta-feira
Ciências da Saúde (posto de atendimento) – 24/11 e 25/11 – quinta-feira e sexta-feira

Carta do leitor

No fim da semana passada estive em Petrópolis (RJ), num encontro já tradicional de um grupo amigo de teólogos da Libertação (Leonardo Boff, Frei Betto...) Lá pude aquilatar o quanto é apreciada a análise de conjuntura publicada diariamente nas notícias diárias do site do IHU.
Alegrei-me com o fato e achei de bom alvitre, comunicar-lhes o quanto de méritos tem esse esforço diário de nos manter em dia com os acontecimentos que, para toda a catequese libertadora, ajudam a detectar os SINAIS DOS TEMPOS e assim a descobrir por baixo do cotidiano o "fio de ouro" que tudo entretece e que é nada menos do que a História da Salvação, a presença do Ressuscitado em nossa Caminhada. A BOA NOVA ou explode dos fatos do dia-a-dia ou deixa de ser Boa nova.
Parabéns e o agradecimento por enviar-me todos os dias essa riqueza.

Antonio Cechin, irmão marista, Porto Alegre – RS

Ernani Ott

A racionalidade, característica importante para quem escolheu uma profissão permeada por números e estatísticas, é apenas um dos componentes da personalidade deste gaiteiro que virou professor. O talento para a área contábil e econômica não impediu que a sua sensibilidade aflorasse. Ainda guarda seu antigo acordeão que espera por uma reforma para voltar a encantar com o movimento dos seus foles. O carinho que recebe dos alunos traduz o amor que tem pelo que faz. Embora tenha sido convidado inúmeras vezes para ser paraninfo e professor homenageado, não perdeu a capacidade de se emocionar com um novo convite. O último fez com que ministrasse uma aula inteira carregando um faixa no peito. Para quem não o conhece vai uma dica: Fique com os ouvidos atentos. Quando perceber que o assovio melodioso que se aproxima não é de um belo passarinho, é certo, este é Ernani Ott, coordenador do Mestrado em Contábeis, na Unisinos.

Origens – Nasci e moro até hoje em Novo Hamburgo. Meu pai, Adolino Ott, tinha uma oficina de carpintaria. Fazia cabos para enxadas, pás e coisas do gênero. Meu tio trabalhava com ele. E nos finais de semana, eles se dedicavam à música. O pai tocava trompa e o tio, flauta. Eles tinham uma banda e ensaiavam na minha casa. Quando terminavam, a bateria ficava montada, e eu aproveitava para arrancar algum ritmo. Criei-me com a música e comecei a gostar de gaita. Eu acompanhava meu pai aos bailes e casamentos. O acordeão era muito importante e presente nessas bandas alemãs. Virei gaiteiro. Estudei música em Hamburgo Velho, numa escola que tinha a tradição da família Bohn, fabricantes de órgãos eletrônicos. Minha mãe, Idalina Ott, era uma doceira de mão cheia. Ficou viúva muito cedo com três filhos para criar. Eu era o mais moço. Tinha oito anos quando perdi meu pai. O que tínhamos foi gasto com a doença dele. Com o tempo, perdemos a oficina, e minha mãe sustentava a casa com os doces que fazia. Lembro que eu tinha muita pena dela, mas não podia ajudá-la. Ficava sentado à mesa, vendo-a bater à mão uma infinidade de claras. Percebia quando ela não estava bem, pois sentava e apoiava a cabeça na parede, fechando os olhos enquanto continuava batendo as claras. Eu ficava horas ali, acompanhando o seu trabalho. Nesta época, me habituei a dormir sentado, com a cabeça sobre os braços apoiados na mesa. É uma coisa que até hoje gosto de fazer. Marcou-me bastante.

Família – Casei em 1968 e estive durante 28 anos casado. O rompimento ocorreu na metade do doutorado. Já tinha ouvido falar de muitas separações que aconteciam durante o mestrado e o doutorado, mas eu achava que estava imune a isso. É difícil conciliar tudo. A gente se isola muito e acaba ficando num fogo cruzado e não dando a atenção que a pessoa espera e que é licito reivindicar. De certa forma, foi inesperado porque tínhamos um casamento estável. Foi uma separação adulta, sem atropelos, mas sofrida. Isso foi há nove anos. Tenho dois filhos. Um filho de 35 anos, Eduardo, e uma filha de 31, Cláudia. O filho desenvolve atividades relacionadas com a informática e com música. A filha também estudou na UNISINOS. Hoje trabalha na Secretaria da Fazenda de Novo Hamburgo. Ela tem uma habilidade manual muito grande e muito talento para a decoração.

Lembranças – Quando ganhei a primeira gaita, foi uma surpresa. A família toda se cotizou. Eu estava estudando, mas usava a gaita da escola. Lembro que, num final de ano, houve uma apresentação e depois tiramos uma foto. Todos estavam com as suas gaitas e eu, como não tinha, saí meio escondidinho atrás de todos. Naquele Natal, ganhei a minha. É possível que eu tenha passado toda a noite tocando sem deixar os vizinhos dormirem. Foi uma emoção enorme.

Valores – Algumas pessoas se surpreendem quando ouvem minhas irmãs, eu e meus cunhados falando com tanto carinho de minha mãe. Ela era uma pessoa extraordinária, meiga e absolutamente integra. Era muito quietinha, observadora. Humildade, integridade e respeito são elementos fundamentais, coisas que a gente guarda. Lembro que, quando meu filho era pequeno, ele tinha uma predileção por pessoas de terceira idade. Ele tocava teclado desde muito cedo e gostava de tocar para pessoas bem mais velhas. Talvez isso venha desse respeito.

Trajetória profissional – Fiz curso Técnico em Contabilidade e ingressei na Unisinos, no curso de Ciências Econômicas, em 1964. Na época, não havia o curso de Ciências Contábeis, mas sentia que tinha uma vocação natural para esta área. Formei-me em 1967. Comecei a lecionar em 1969 meio por acaso. Substitui, por algum tempo, um professor e acabei gostando. O professor Alexandre Vertes (húngaro de nascimento), e nosso guru da contabilidade, convidou a mim e outros colegas da turma de 1967 para lecionar e aceitamos. Foi uma preparação intensa, comandada pelo grande mestre para que estivéssemos aptos a enfrentar esse novo desafio. Pensei que nunca fosse dar aula na vida. Sempre fui um aluno muito quieto em sala de aula. Depois de formado, resolvi fazer Contabilidade. Era professor no curso durante algumas noites e em outras, aluno.

Frutos – Acredito que esse lado musical tornou-me uma pessoa mais sensível, choro com facilidade, algumas coisas me emocionam. A música tem outra característica importante, ela une. Lembro que durante um bom período reuníamos a família no Natal e fazíamos amigo secreto[31]. Meu filho animava a festa, tocando teclado e identificava o amigo secreto da vez com uma música característica da pessoa. Eram festas muito animadas, e todos ficavam ao redor do teclado.

Contraponto – Mesmo escolhendo uma profissão tão racional, tenho essa história musical muito forte na minha vida. O fato de ser professor exige uma postura, uma seriedade e acho que esse outro lado me completa. Considero-me um professor

---

[31] Amigo secreto ou amigo oculto: troca de presentes entre os participantes de uma comemoração, por exemplo, o Natal, tendo sido o sorteio de nomes realizado anonimamente. (Nota da ***IHU On-Line***)

brincalhão, "curto" dar aula. É um prazer. A aula me faz um bem muito grande. Posso estar tenso, mas, quando entro na sala, as coisas mudam. Gosto muito de brincar e estar com os alunos. Paraninfei até agora 21 turmas de formandos de Ciências Contábeis e acredito que isso demonstre uma sintonia boa. Durante muitos anos, aqui no Centro, tínhamos uma formatura de todos os cursos juntos, fui 12 vezes paraninfo dessas turmas. Há alguns dias vieram me convidar como homenageado da turma 2005/2. Invadiram a sala de aula (no intervalo), e literalmente "me enfaixaram", tudo com muita festa, confete, estouro de balões, etc. Achei um barato, dei aula o resto da noite de faixa. O pessoal me conhece e sabe que gosto disso. Sou um admirador do dinamismo da juventude.

Autor – Jean-Christophe Rufin. É daqueles escritores que seduz o leitor. Já li várias obras dele e gosto muito.

Livro – ***Anhelo de Vivir***, de Irving Stone, sobre a vida de Vincent Van Gogh.

Presente – Perfumes (melhor se forem franceses!!!).

Unisinos – Estava presente no dia em que foi assinado o documento transformando as faculdades existentes em Universidade. Já estava aqui há um semestre. Sou seis meses mais velho que a Unisinos. A Universidade teve uma trajetória espetacular e agora está ingressando numa nova fase, deve haver um investimento maior no *strito sensu*. Vivemos uma época de expansão extraordinária, eram 33 mil alunos em graduação. De certa maneira era um ensino de massa e esta não é mais a realidade das universidades em geral. Ao mesmo tempo, a Universidade foi titulando seus docentes, eu mesmo fui um dos beneficiados. Hoje, a grande maioria dos professores é mestre ou doutor, e isso significou um esforço muito grande. Isso conduzirá a que se torne uma universidade voltada à pesquisa. Agora mesmo temos mais dois Mestrados, além de Contábeis e Administração, Economia e Engenharia da Produção, aprovados recentemente pela Capes. Eu coordeno o mestrado de contábeis e estamos trabalhando com a perspectiva de começarmos um doutorado. Na medida em que temos professores titulados, é licito planejar para que isso aconteça. A pesquisa passa a ser um elemento fundamental que, ao mesmo tempo, qualifica a graduação. Há uma tendência natural que haja uma redução na graduação, não só aqui, mas em todo o País. Não há mais tanta demanda, houve uma criação grande de cursos numa determinada época e hoje a oferta é maior que a procura. A educação continuada é natural, ninguém mais pode parar de estudar de tal forma que a pós-graduação irá crescer muito. A pesquisa tem um aspecto importante porque coloca na rua um conhecimento gerado pelos pesquisadores e professores, e isso dá notoriedade para as instituições.

Instituto Humanitas Unisinos – O Instituto tem um papel fundamental. Todos estes seminários projetam o nome da Universidade. Existe um trabalho importante no que diz respeito ao cuidado ambiental, à responsabilidade social. Estamos já repensando Os Clássicos da Economia para 2006. Fui a uma banca de doutorado na USP e uma das professoras que participava na banca tinha palestrado aqui. Ela comentou que ficou impressionada com a Unisinos e com o trabalho desenvolvido no IHU. O Humanitas traz nomes importantes, de expressão e muito conhecidos nas áreas das temáticas propostas.